

## As escolas de militantes

A escola de militantes foi, sem a menor sombra de dúvida, uma das melhores iniciativas das Juventudes Sindicalistas. Outra obra que elas não tentassem realizar, esta, a da escola de militantes, bastaria para impô-las como organismo útil à luta social que vai travada. A escola de militantes, que poucas vezes funcionou, estava destinada a desempenhar uma missão admirável de renovação, de progresso, de elevação de mentalidade dentro da organização operária.

A burguesia viu nela um perigo, não porque fosse base de uma nova cultura revolucionária, mas porque trazia a chancela das Juventudes Sindicalistas apontadas pela imprensa mercenária como instigadoras de atentados dinamitistas. E temendo-a, destruiu-a com perseguições odiosas, não a deixando funcionar. E, afinal, era apenas moral e educativa a acção das escolas de militantes.

Ela ensinaria o jovem operário a não frequentar a taberna e a dedicar ao estudo as suas escasas horas de ócio. Ela daria à mocidade das oficinas aquela noção geral do universo que todo o homem verdadeiramente homem deve ter, e expurgaria dos cérebros moços aquelas falsas noções cívicas que as escolas oficiais e o ambiente degradante que se respira impõem para transformar os indivíduos em manequins obedientes.

O jovem trabalhador, educado nas escolas de militantes, adquiriria uma mentalidade mais pura, mais ampla e tornar-se-ia estruturalmente revolucionário. Acabaram as escolas de militantes, mercê das perseguições a que nos referimos, e não mais se tornou a tentar pô-las de pé.

Ora, a persistência deve ser a característica dos revolucionários. E a mocidade, porque dispõe de mais energia, deve ser mais persistente do que os militantes mais velhos e fatigados. Bem andariam as Juventudes, portanto, se activassem quanto antes a propaganda no sentido de erguer de novo as escolas de militantes tão úteis ao operariado e à causa revolucionária.

Dispersam-se, por vezes, energias em malquerenças e discussões estérteis que melhor aproveitadas seriam na organização de obras úteis. E a obra das escolas de militantes às Juventudes Sindicalistas, melhor do que a qualquer outro organismo revolucionário, compete neste momento em que a falta de militantes esclarecidos tanto se faz sentir no seio da Organização.

## A conferência de embaixadores

Os quatro pontos que foram discutidos

GENEVA, 13.—No fim da última sessão, os delegados dos governos da Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra, Itália e Japão comunicaram, primeiro, a discussão diplomática sobre as fortificações e material de guerra continua perante a conferência dos embaixadores, e novas propostas serão feitas para auxiliar os progressos da discussão e facilitar as suas conclusões. Segundo: Aguardando uma solução, os trabalhos de fortificação terminaram, sem prejuízo do seu ponto de vista jurídico. Terceiro: A comissão de controle deixará a Alemanha em 31 de Janeiro próximo; a partir desta data, o artigo 213 do tratado de Versaillles terá aplicação, nas condições definidas pela S. D. N. Quarto: Se nesta data as questões acima citadas não tiverem tido uma solução amigável, serão levadas ao Conselho da Sociedade. Quanto: Para as questões em execução, cada governo representado na conferência dos embaixadores poderá destacar à embaixada de Berlim um perito técnico qualificado para discutir com as autoridades competentes alemãs.—(H.)

### Os burgueses satisfeitos

PARIS, 13.—O conselho de ministros, reunido esta manhã sob a presidência do sr. Doumergue, presidente da república, felicitou-se pelos felizes resultados do acordo de Genebra, obtido pela colaboração do governo com o sr. Briand, que, de volta a Paris esta noite, exporá amanhã ao governo os detalhes do acordo de Genebra.—(H.)

## A luta anti-britânica no Oriente

XANGAI, 13.—O general russo Borodin chegou ontem a Hankow, sendo recebido pelos principais dirigentes da República de Cantão e aclamado por mais de 300.000 chineses.

Agradecendo a manifestação que lhe era feita o general Borodin felicitou as tropas cantonesas pelos êxitos obtidos e pela denúncia dos antigos tratados com as potências estrangeiras.

Na totalidade, foram pronunciados 32 discursos, a maioria dos quais caracterizadamente anti-britânicos.—(L)

## Morreu Jean Richepin

PARIS, 13.—Faleceu o autor e poeta dramático Jean Richepin, membro da Academia Francesa.—(L)

## A justiça dos capitalistas é como os papagaios de papel, sobe tanto mais alto quanto mais sopra o vento do crime

Por acharmos curioso, como comentário ao caso das notas falsas do Banco de Portugal, transcrevemos o editorial de ontem do *Diário de Lisboa*.

Tivemo-las ontem — e sensacionais. Marang foi condenado nos onze meses de prisão já sofrida!

Ontem, à tarde, recolheu ao seu lar, juntando com a família e amigos, como um homem que acaba de vencer uma batalha. Com que contentamento ele não deve ter exclamado:

—As notas do Banco de Portugal eram tão verdadeiras, que, com elas, eu fiz a minha fortuna! Agora, vou tentar fazer negócios na Albânia, que é um país ignaro, onde se desconhece a arte de transformar pedras em ouro.

Um jornalista português foi bater-lhe ao ferrolho e pediu-lhe uma entrevista. Marang distanciou-se, alegando que a ocasião não era propícia para declarações. Mais tarde...

Vai apelar da sentença, confiando que lhe reconheçam a boa fé. Se tal acontecer, ninguém dirá que, na Holanda, os homens de bem não acham a justiça que merecem.

Pela nossa parte, que nunca fomos, nem havemos de ser juiz, no país dos canais e das tulipas, te-lo-hiamos absolvido.

Não valia a pena condená-lo pelo crime de negligência, prevista e punida pelo artigo 447-bis do Código Penal Holandês.

Por isso ele cantou logo:

—A minha honra está intacta!

Realmente ninguém se torna indigno, pelo facto de, num negócio escuro, não usar da devida cautela, ao tratar com intrínsecos e panfomeiros. Isto é motivo mais que suficiente para lhe confiar no futuro — a sua purificação integral.

Não descanse, Marang, na sua tarefa, até que um tribunal do seu país lhe diga: —Você está branco como um arminho.

A sua intervenção, no caso do "Angola e Metrópole", simplesmente prova que indivíduos de sua envergadura não podem naufragar num bote... de papel fiduciário.

Nesse dia, os grandes bancos emissores terão que abrir uma conta em participação com aventureiros... de polpa.

Quando Juvenal escrevia as suas sátiras, já havia em Roma uns indivíduos que prunçavam o aparecimento de Marang.

Encarregavam-se de fazer de honestos, às portas dos avaros que exploravam os mancebos que pediam dinheiro emprestado, sem olhar ao juro. Quando o pretor os chamava a contas, eles cobriam-se assim:

—Eu julgava facilitar uma transacção legal. Se procedi mal, fui vítima da minha boa fé.

O tribunal, pouco severo, sorria... e absolvia.

Que aqui para nós, leitor amigo, Marang é um optimista: arvora permanentemente o seu sorriso, a fim de animar os seus julgadores, para que não hesitem no golpe mortal a despedir-lhe.

Mas quem poderá ser cru e inclemente com um cavalheiro que enche as algeiberas de notas falsas que ele próprio mandou fabricar e que ainda por cima, com um ar florido e triunfante, vem explicar:

—Eu suponha que o dinheiro que encomendara à Waterlow era verdadeiro!

Qualquer outro que não fosse ele, ao ouvir ler os primeiros atentados da sua sentença, havia de crer que os seus dias estavam contados — as galés, os presídios de Sumatra, etc.

Marang sabe que, no fim, lhe reservam um rebaço: provada a negligência, uma pena platonica de onze meses, —deviam ser dose, mas perdoe-se-lhe um, por estar ligeiramente constipado — a queima das notas. Parece que a ninguém ocorreu obrigá-lo a repór as somas indevidas com que se locupletou.

Como é que ele, segundo se lê na sentença, passou de grande comerciante e industrial... em tableteiras a burguês de vastos teres e apetites luxuosos?

O "Angola e Metrópole" acabou, deixando de si a fama dum Banco em que a Fortuna se sentou só o tempo necessário para estontear alguns patifes de marca e também vários inocentes.

Para Marang — e certamente para a camaránia Hennies — foi a cornucopia da abundância.

Agora, rico e feliz, fácil lhe será limpar o suor do rosto — a contar florins adquiridos com o papel do Banco de Portugal. Que pensará de tudo isto Alves Reis?

Que mundo é este em que Marang e Hennies se põem a salvo, deixando-o a ele a perna na meada que os três tortuosamente teceram?

Quisáramos jurar que a sentença que há de apurar as suas culpas, não será iluminada, mas seus *atendentes e considerandos*, por uma lanterna furta-cores, em que a sua cara, ora aparecerá com traços inequívocos de crime, ora se deálará sob uma auréola de pureza.

Na Hungria descobriu-se, em tempos, uma falsificação de bilhetes de 1.000 francos. Os seus responsáveis, entre os quais figuravam um príncipe, diferentes titulares e políticos, foram implacavelmente punidos.

Se, porventura, esses bilhetes fossem de Portugal, o *verdictum* seria o mesmo?

A justiça, às vezes, é como os papagaios de papel que sobem tanto mais alto quanto mais forte sopra o vento.

### TITUS

(Escrito, composto e revisado pela censura, no sábado)

Achamos razoável a conclusão do articulista. Realmente, se a justiça é como os papagaios, ela em Portugal subiu tão alto, tão alto, que lá de cima não conseguiu enxergar os Inocências...

Ou comem todos...

Inocência Camacho na assembleia geral do Banco de Portugal, realizada em 4 de Março do corrente ano dizia textualmente o seguinte:

«E' no estrangeiro que se devem procurar os responsáveis principais do Angola e Metrópole. Os actuais presos são uns desgraçados que estrangeiros ambiciosos moveram a seu talante no desejo criminoso de nos roubarem as colónias».

Nove meses após estas palavras de Inocência Camacho, Marang, um dos «estrangeiros ambiciosos», na boca de Camacho inocente, passeia livremente na Hala, e os «desgraçados portugueses» estão a ferros do Banco de Portugal.

Ora Menano organizou uma associação de malfeteiros formada por Marang, Reis, Hennies e Banderia. Não é preciso ser formado em leis para reconhecer que os quatro criminosos devem ter a mesma categoria criminal. Estando Marang na rua, na boa companhia de Inocência e Mota Gomes até chega a ser um contrassenso que se mantenha a ferros Reis e Banderia... Ou a lógica é uma batata. Ajusta-se aqui a justiça do sapateiro de Braga, da anedocta.

## O papagaio sobe, o papagaio desce

A justiça holandesa levou o seu escrupulo até ao ponto de condenar Marang por negligência. A portuguesa, essa infinitamente generosa, vai servindo e protegendo os Inocências do Banco de Portugal. Ora, parece-nos que Alves Reis e Banderia, todos sócios no negócio deviam ser igualmente protegidos e adulados. Mas o diabo do papagaio de papel para uns sobe muito alto, para outros desce muito baixo, toca a terra, mergulha na lama...

E em 6 de Novembro foram requeridas instruções contraditórias e o dr. Menano ainda as não iniciou e alguns mesmo nem sequer despachou, porque não sabe como tapar o escândalo formidável, que os 194 quesitos requeridos por Alves Reis, como o exame à escrita do Banco de Portugal, vão fazer estoriar nos meios capitalistas portugueses.

Aquilo não é um exame é a prova formal, esmagadora de todos os roubos, de todas as burras, de todas as falsificações e de todas as emissões clandestinas do Banco de Portugal.

A simples leitura desses quesitos, na maioria documentados pelos próprios relatórios do Banco, demonstram insofismavelmente a veracidade da campanha de *A Batalha*. Cá os temos devidamente guardados para os célebres processos de querela que nos moveu o Banco de Portugal. Com os quesitos de Alves Reis, n.º 115 e 116, provaremos que o Banco de Portugal, desde 1918 a 1925, pôs em circulação escudos 1.627.768.306\$62,5 que, ao câmbio médio de cada um dos anos em que foram emitidos, equivaliam a bonita soma de 49.785.544.

A administração do Banco de Portugal de confusão com todos esses reles políticos, roubando, burlando e falsificando, deduziram esses mesmos escudos 1.627.768.306\$62,5 de tal maneira que em 31 de Dezembro de 1925 equivaliam a 16.715.259.

Os políticos e os Inocências roubaram à economia nacional, em 7 anos, o mínimo de 33.610.255.

Eis porque Marang ria em pleno tribunal de Haya e Alves Reis ri e ri sempre nos seus interrogatórios.

## Quem faz vento para subir o papagaio?

O papagaio de papel quando passa sobre o Banco de Portugal some-se nas nuvens. Os do Angola e Metrópole estão presos por um *escasso milhão* de libras que entregaram a companhias que financiaiam. Os do Banco de Portugal, os Cunha Leais, os Antónios Marias roubaram o povo e serviram todos os cambões financeiros, e encontram-se em liberdade. Não lá compreender o diabo do papagaio de papel.

A justiça, afinal, molda ao capricho dos mais fortes. Se eles não fossem parecidos e sócios no negócio das emissões diríamos daqui a Alves Reis e Banderia:

—Rapazes, já que tivestes a habilidade de fazer tantas ondas que salpicaram as «honestas consciências» cá da terra, porque não arranjas a maneira de fazer vento para que o papagaio de papel suba, suba muito alto até vos perder de vista?...

Que tremenda chuchadeira é a justiça urgente!

## Construções sem licença camarária que vão ser demolidas

A Comissão Administrativa autorizou o seu presidente sr. coronel Vicente de Freitas, a intentar acção contra António da Silva Rego, por ter construído sem licença, dois grupos de casas abarracadas nos terrenos denominados do Fernandinho; Silvestre de Carvalho, por ter também sem licença camarária construído um grupo de barracas de alvenaria na Calçada de Baltazar, letra S, e Joaquim Correia dos Santos, Eduardo da Costa Brandão e Joaquim Félix, por terem sem licença construído barracas, o 1.º e o 2.º na Estrada de Caselas e o 3.º nos terrenos denominados do Fernandinho.

Ao advogado e solicitador municipal foram concedidos os poderes forenses necessários para interpor os respectivos recursos judiciais.

## O progresso da T. S. F.

PARIS, 13.—A folha oficial publica um decreto instituinte um laboratório nacional de T. S. F. destinado a assegurar a colaboração dos técnicos franceses e as descobertas científicas de interesse geral organizadas por agrupamentos internacionais.—(L)

## A Batalha no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

## Notas & Comentários

### Ossos do ofício...

Alguns jornais noticiaram que três indivíduos alugaram um «taxi» e de pistola em punho roubaram o «chauffeur», levando-lhe o automóvel. Isto é o que se chama em popular linguagem: ossos do ofício. O «chauffeur» recebe um passageiro sem inquirir qual a sua categoria moral. O freguês diz-lhe: segue para tal parte, depressa. Vem o primeiro polícia e zds: uma multa de 200\$00 por excesso de velocidade. Mais adiante um transeunte precipita-se e vde meter-se sob o rodado do carro. Vem o decreto e chucha: arguido de homicídio voluntário. E depois, como se isto fosse pouco para o pobre «chauffeur» três cavalheiros metem-se no auto e toma: venta de lá esse dinheiro e retire-se porque o carro nos pertence.

Não há dúvida que estes ossos do ofício deveriam ser triturados por aqueles cavalheiros que tão injustos são para os «chauffeurs».

### Porque se espera?

No programa da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa sobre a remodelação da cidade figura a demolição de algumas propriedades da rua da Palma. Com a carencia de habitações as famílias que ali residem vêem-se há em tempos de aranha para conseguirem uma moradia. Por esse motivo é crível que o problema da habitação se agravará ainda mais.

Há, porém, uma forma de atenuar a falta de moradias: é as entidades competentes acatarem imediatamente a proposta para a construção de 3000 casas de que os jornais falam e proceder-se à conclusão dos bairros sociais. Porque se espera para realizar este trabalho se ele é de grande importância?

### Os obreiros do futuro

A Libreria Internacional, com sede em Paris, acaba de pôr à venda um curioso trabalho sociológico e literário, da autoria de Han Ryner. —Los artesanos del porvenir — que foi vertido do francês para o espanhol por Gibanel. É uma pequena obra notável que se lê de um só fôlego. Trata-se de uma conferência sobre o ideal de progresso humano, onde o autor defende a evolução e o individualismo em oposição à revolução e ao colectivismo. Embora discordemos do pensamento do autor, não deixamos de notar que ele o defende com muita inteligência e copiosa soma de argumentos.

## Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-malfusianas.....	\$50
O sentido em que somos anarquistas.....	\$30
A peste religiosa.....	\$40
A Liberdade.....	\$50
A Internacional (música e letra).....	\$30

Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

## Alargamento da rua de Santa Marta

Vai ser efectuado contrato com o sr. Afonso de Paiva Raposo Vilar, para a apropriação do terreno cedido gratuitamente e necessário ao alargamento da rua de Santa Marta, junto à igreja.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

## CONFERÊNCIAS

### "A Fisiologia do Trabalho"

A Universidade Popular Portuguesa mantém uma das suas secções na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, aonde vai promover uma série interessantíssima de cinco conferencias sobre *Fisiologia do Trabalho*.

O conferente, sr. dr. João Camoegas, iniciará esta série na próxima quinta feira, 16, pelas 21 horas, escolhendo para sua primeira conferencia o seguinte tema: *O Trabalho e a vida*.

A Comissão Escolar do Sindicato Unico da Construção Civil convida os operários da industria e o operariado em geral a assistir, encorajando com a sua presença a Universidade Popular na sua tão util iniciativa.

A entrada é pública.

## Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Na próxima quinta-feira realiza a sua conferencia neste sindicato o nosso camarada sr. Artur Portela, continuando assim a série de conferencias que, com o maior êxito, se tem realizado nessa colectividade. A entrada é pública, devendo a sessão ter início às 18 horas.

## Os homens úteis

PARIS, 13.—O Instituto Pasteur e a Academia de Medicina celebraram ontem o centenário do grande médico Laenne, o inventor da auscultação imediata.—(L)

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### Construção Civil de Tires

TIRES, 12.—Como estava anunciada, realizou-se ontem a festa em benefício do cofre da caixa de auxilio na doença dos operários da construção civil de Tires e Arredores. A festa esteve muito concorrida, tendo-se esgotado por completo os bilhetes.

Foi levado à scena o drama social em 4 actos «O produto da Sociedade» e um acto de variedades, sendo, no final de cada acto, os amadores muito aplaudidos pela plateia. Abriu-se a festa o grupo musical «Solidariedade Operária de Tires», sob a regência de Alvaro dos Santos, sendo executadas várias peças do seu repertório, também muito aplaudidas.—C.

## O SINDICALISMO REVOLUCIONARIO

## A unidade -- sintoma de fraqueza ou disciplina?

Nesta questão de unidade, tratada duma maneira tão singular, tão extravagante e tão faciosa, que a gente pasma de vêr como se chega a conclusões tão reinadas, de lógica tão insubstancial e disparatada, chega-se a duvidar se se diz o que se pensa e se pensa o que se diz, ou se diz apenas o que se quer com a pretensão estulta de que dizemos o que é. Notem bem. Se houvesse a preocupação de confessar que se expõe apenas um critério, que se diz da forma como se interpreta, está bem, isso era perfeitamente justificável; mas afirmar que as coisas tem a forma exacta, rigorosa como as reproduzimos sem a deturpação dos nossos sentidos, sem erros de indução e sem as influências da nossa educação especial, da nossa índole e da nossa tendência, isso brada aos céus, isso é único.

Eu tive um amigo mui douto em questões de história que me dizia, às vezes, muito sentenciosa e judiciosamente, quando eu pretendia abordar questões que supunha conhecer mas que não conhecia.

—Oiga lá, ó seu Vidal. Você sabe porque foi que Sócrates se convenceu que era sábio?

Apenas por saber que nada sabia. E nós, anónimos pigmeus, fazemos d'êste esta espantosa, esta intronável diferença. Ao passo que êle se julgava sábio por saber que nada sabia nós julgamo-nos sábio, por crer que sabemos tudo, sem saber todavia se o sabemos ou não.

Tratava-se dum dos maiores prodígios de sabedoria da Grécia antiga. E eu quando ouvia assim falar o dito meu amigo calava-me confundido e respeitoso.

Mas vamos ao que importa. Até aqui tratava-se de uma questão da unidade como uma questão de ligação entre a C. G. T. e organizações operárias revolucionárias mas agrupados por tendência.

E argumentava-se que a forma regular e normal da C. G. T. não admitia essa ligação pois que ela não podia figurar no mesmo plano com organismos de tendência, exactamente por não representar especificamente qualquer tendência, sendo apenas a confederação dos organismos operários revolucionários de classe e como tal neutra em matéria de tendências.

Quando os partidos revolucionários e até os mais próximos das esquerdas democráticas propunham à C. G. T. qualquer ligação para efeitos de uniformidade de acção, em questão de interesse comum, tendo como objecto principal a situação política, insistindo nisto sobretudo os comunistas e sindicalistas comunistas, ou partidários da I. S. V., essa ligação não era aceite, e até mesmo com carácter transitório e sem compromissos para a C. G. T., ela foi repudiada afirmando-se sempre que a unidade só se poderia efectuar no terreno sindical.

Logo tomava-se como elementos efectivos e reais de unidade os sindicatos sem preocupação das tendências dos seus componentes. E quando os partidários de Moscovia consideravam que a organização operária portuguesa não estava suficientemente preparada para aderir à A. I. T., como fez, os partidários desta Associação Internacional argumentavam e com certa lógica, é bom de vêr, que essa adesão se precipitou em virtude de se presente ao Congresso da Covilhã, 1922, uma tese de relações internacionais, como todos sabem, que, embora condicionalmente, propunha a adesão à I. S. V.

Nestas condições como não havia nenhum documento original, de carácter oposto, a não ser a moção Clemente V, dos Santos, como consequência da referida tese, e na qual moção, se preconizava a aceitação dos princípios da conferencia preliminar dos autonomistas, realizada em Berlim, é evidente que a organização operária não se teria pronunciado por nenhuma das internacionais e não teria aderido posteriormente se não fosse a inclusão da dita tese nos trabalhos do congresso e a consequente pretensão dos partidários de Moscovia.

Compreende-se perfeitamente que a adesão a Berlim não foi, pelo menos naquela altura, o resultado duma necessidade bem sentida e compreendida pela organização portuguesa, porque foi apenas inspirada em oposição aos moscovitários, e por se considerar que tanto a I. S. V. como a F. S. J. de Amsterdam eram representativas de duas das tendências do movimento operário.

Como se considerava, e era notório, que ambas estavam influenciadas e dependentes, uma dos comunistas e outra dos sociais-democratas, tornava-se indispensável criar uma internacional verdadeiramente sindicalista.

Não procuro nestes artigos e neste jornal para se não dizer que abuso da liberdade que me dão, apreciar se a A. I. T. satisfizesse os fins para que foi criada, e daí deprender-se que estava expondo doutrina contrária à orientação e posição internacional da C. G. T. Limite-me pois a tirar estas conclusões: Se os partidários da I. S. V. não desajassem que a C. G. T. aderisse a Moscovia ela não teria, por oposição, aderido a Berlim. Como os partidários de Moscovia para realizar a unidade se propõem afastar-se da I. S. V. não vejo inconveniente em decisão idêntica por parte dos que estão em plano oposto, visto que cessando as causas cessam os efeitos, morrendo o bicho morre a peçonha. De resto é bom ter em vista o seguinte: a A. I. T. o produto, a consequência, da C. G. T. portuguesa bem como de algumas organizações de outros países, e não a C. G. T. a consequência da A. I. T. O influxo revolucionário da C. G. T. não foi fornecido pela A. I. T., porque se aquela existia é porque devia fazer parte integrante desta é porque tinha capacidade e espírito bastante para o fazer e, nesse caso, se sair não perde a sua qualidade revolucionária. Depois, é bem claro e intuitivo que a questão de ordem moral, é mais de forma que de facto, porque a característica do movimento operário nos diversos países está aquilo que as próprias circunstâncias, determinarem em relação às suas condições económicas, morais sociais, etc., e não aquilo que a respectiva internacional possa pretender que seja. Esta é que é a verdade, se assim não foram concebidos ficariam aqueles que têm

tanto a noção da independência e da liberdade, e que tanto a afirmam, porque pretendem ficar amarrados, manietados, julgados a uma situação que desmentiria as mesmas afirmações.

Entendo por consequência que a unidade é factível, ou união, se assim o querem, mas efectiva e não transitória.

Quem afirmar o contrário esquece completamente a função de reivindicação, dentro do regime actual, atribuída ao Sindicalismo e que é o principal estímulo para os trabalhadores se agruparem sindicalmente, para lhe atribuir apenas a função de gestão, começando a olhá-lo de traz para diante; isto é, começar precisamente pelo fim, para o que importa, incontestavelmente, a aplicação de processos e fórmulas diversas e talvez antagonicas, a que dá lugar a concepção revolucionária e ideológica de cada um.

Ora o sindicalismo não é revolucionário apenas por conceber a ex-propriedade económica, violenta, da burguesia; é revolucionário por reger a colaboração de classes e por viver fora e independente da tutela de partidos sejam quais forem, embora seja forçado, pela sua própria contextura, a aceitar a influência das ideias, mas como inspiração e não como doutrina.

Nós por enquanto não pensamos em fazer e preparar nos sindicatos a revolução social e como trazer para os mesmos a discussão de teorias que não podem por enquanto ter a sua aplicação, tendo em vista apenas conduzir e orientar as mais pequenas manifestações sindicais por essas teorias, para submeter os interesses da classe à integridade desses princípios teóricos, quando é certo que a sua discussão podia e devia ter lugar apenas para preparação da mentalidade revolucionária, devendo ser para isso a sua discussão ampla, livre e elevada, é fazer uma acção que divide, que dispersa e enfraquece.

Não esqueçamos que o sindicato visa a defesa dos interesses morais e sociais dos trabalhadores e neste ponto todos podem e devem estar de acordo. O resto surge depois.

Resumidamente. Esta questão tem dois aspectos a debater: A natureza do Sindicalismo revolucionário e a unidade sindical. Uma de essência e outra de forma.

O Sindicalismo é revolucionário quando se manifesta integrado no espírito da luta de classe. Logo os marxistas também são, até certo ponto, sindicalistas revolucionários porque preconizam, defendem e intensificam a luta de classe. Porque o não são inteiramente? Porque atribuem o poder económico aos sindicatos e o poder político para o partido comunista, isto é; o proletariado seleccionado revolucionariamente. A que conclusões chegam os anarquistas sob o ponto de vista da finalidade do sindicalismo? A constituição livre, federativa, dos produtores por afinidades. Só isto é que pode explicar a ausência de autoridade. A que conclusões chegam os sindicalistas revolucionários?

A constituição da sociedade proletária, como finalidade da luta de classe, pela vitória da classe operária, reivindicando todo o poder para os Sindicatos.

As características dessa sociedade, são autoritárias — ou libertárias? Isso depende apenas do grau de mentalidade sindicalista, da capacidade da organização e da sua homogeneidade de acção. Ora aqui é que se deve observar a fundo a questão da unidade. Os meus preclaros antagonistas dizem que a unidade é sintoma de fraqueza. Mas no mesmo artigo, apoiando-se nas opiniões de Hamon, declaram que este sociólogo afirma, muito judiciosamente, que a unidade se baseia na Autoridade. Sendo assim a unidade é sintoma de força. Sendo evidente a contradição escuso-me a discutir tal critério.

A unidade baseia-se na autoridade, sem dúvida; ou antes, na disciplina.

E porque aquela se baseia na disciplina parece que é uma manifestação de autoridade. Todavia se a disciplina for respeitada consciente e voluntariamente, se deixar de ser imposta para ser compreendida e seguida no interesse geral e comum, se o indivíduo souber e quizer cultivar a sua vontade de modo a prescindir que sobre ele impenda o peso da lei ou do código, se atribuir a si próprio a autoridade de se conduzir como deve, teremos a unidade, teremos a disciplina, a autoridade individual, intrínseca, mas não a autoridade de Estado.

Combate-se a unidade (devemos ser claros) por se supor que a unidade importa a ditadura do proletariado.

Porém a ditadura do proletariado não basta ser combatida por palavras, por afirmações teóricas e bizantinas. Deve ser evitada por factos. E como pode ser evitada ou atenuada? A ditadura só pode ser a consequência lógica e inevitável da preparação da organização sindicalista para o seu objectivo final. Será tanto mais necessária e rígida e brutal, quanto pior for a preparação da organização, quanto menor a sua capacidade orgânica e intensidade revolucionária, mercê da sua desagregação, do seu fracassamento.

O melhor meio de a evitar não consiste, pois, em negá-la, como quem nega a luz do dia fechando os olhos ao Alvorecer.

O melhor meio consiste em dar uma forte coesão ao movimento

**TIVOLI** — TELEFONE N. 5474  
**ÀS 21 HORAS**

**A Favorita do Maharadjah**  
 Super-film de "Nordisk" com  
 GUNNAR TOLNAES e KARINA BELL  
 A acção decorre em Monte Carlo e nas In-  
 dhas. Enredo impressionante. Técnica  
 e fotografia irrepreensíveis.

**O Ciclone Negro**  
 Magnífica comédia-drama do "Par-west",  
 representada pelos cavalos selvagens  
 ATILA—POMBA—MALHADO  
**REVISTA MUNDIAL**  
 Audição especial pela Orquestra, sob a di-  
 recção do maestro Niccolò Miliardi

**Catarrhos, tosse, bronquites, rouquidão, larangites, pigarro, mau hálito**  
 Curam-se rapidamente com as cigarilhas medicinais BELSAÚDE VITENI

**DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR**

Fórmula fraca — pacote	3\$00
forte — carteira	4\$00
fortíssima — carteira	5\$00

**Depósito: Vicente Ribeiro & C.**  
 RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º Dt.º

**Teatro Maria Vitória**  
 (PARQUE MAVER)  
 TELEF. N. 3541

**Divisão artística de ROSA MATEUS**  
 HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30  
 com a deslumbrante e espirituosa  
 revista em 2 actos e 12 quadros

**TARIFA 1**  
 FEICIOS SCENARIOS  
 BRILHANTE E ARTÍSTICO CONJUNTO  
 — O mais alegre e brilhante espectáculo —  
 da actualidade

**PREÇOS POPULARES**

**TEATRO SALAO FOZ**  
 Matinée às 3 horas — Sôirée às 8,45

**DESPEDIDA dos distintos artistas**  
 Zulmira Bettencourt e Francisco Costa  
 Canções, fados e bailes acompanhados  
 por um grupo coral

**Colossal éxito do popular actor-cómico**  
**THOMAZ VIEIRA**  
 Canções, fados, etc.

**Grandioso successo das notáveis bailarinas**  
**TERESINA GIRASOL**  
**EUGENIA FERNANDEZ**  
 Concerto pela FOZ MELODY BAND  
 No écran: — Mais veloz que a morte (18 p.)  
 A MANHÃ: — ESTREIA das encantadoras  
 dançarinas francesas  
**SOEURS WALT**

**TEATRO AVENIDA**  
 Telef. N. 4395

**Sexta-feira, 17**  
 Primeira representação da comédia  
 alemã

**O PÉ DE SALSA**  
 Adaptação dos escriptores Bermudes,  
 Bastos e A. Brun

**TEATRO VARIEDADES**  
 TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES  
 às 20,30 e 22,30

**COM A COMÉDIA PORTUGUESA**  
**O PINTO CALÇUDO**

**TEATRO NACIONAL** **HOJE**  
 Telef. N. 3043

**COMPANHIA**  
**BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA**

**Às 21 horas: — A representação**  
 da tragi-comédia em 4 actos  
 e 17 quadros, de Lenormand

**O HOMEM**  
 E OS SEUS  
**FANTASMAS**  
 Formidável trabalho de  
**Alves da Cunha**  
 e  
**Adelina Abranches**

**Teatro da Trindade**  
 TELEF. T. 975

**HOJE — às 9 da noite em ponto**  
 A comédia em 4 actos

**O Marquês de Willemers**  
 EM FIM DE FESTA  
 a célebre tonadillera-bailarina  
**IMPERIO ARGENTINA**  
 A maior intérprete da canção  
 argentina dirá várias canções  
 e bailará formosíssimos tangos

**Nos intervalos: Concerto pela pianista**  
**Yvonne Gellibert-Lambert**

**MALAS POSTAIS**

Pelo paquete "Ango" são hoje expedidas  
 malas postais para o Rio de Janeiro, Santos,  
 Montevideo e Buenos Ayres.

Da Estação Central dos Correios a última  
 tiragem de correspondências ordiná-  
 rias faz-se às 11 horas, fechando os res-  
 gistos às 9 horas.

Por via Marcella, também seguem hoje  
 malas do correio para a Índia portuguesa e  
 Macau efectuando-se a última tiragem às  
 11,30 horas.

**História Universal**  
**do Proletariado**

**«Veinte siglos de opresion capitalista»**  
 Esta publicação em língua espanhola que se  
 encontra à venda na nossa administração, é o  
 relato histórico, documentadíssimo e detalhado  
 das lutas originadas pela desigualdade social,  
 que sob formas diversas e variados sistemas,  
 perdura desde os primeiros alvares da civiliza-  
 ção.

Cada fascículo de 48 páginas, 1933, pelo co-  
 reio, registado, 1600.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Esparta;
- 3.º — Abolición de la esclavitud;
- 4.º — Abogacía y Serindumbria;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad tísica;
- 11.º — La agonia del absolutismo;
- 12.º — El teatro motor universal;
- 13.º — El imperio de la guilhotina;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución fran-  
 cesas;
- 15.º — Los primeros tiempos del salariado;
- 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º — Las crueldades de la burguesia republi-  
 cana;
- 18.º — Los héroes de la Comuna;
- 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º — La República Española y la classe  
 obrera;
- 21.º — La Primera Internacional;
- 22.º — El socialismo ante el Parlamento espa-  
 ñol;
- 23.º — El futuro obrerista profetizado por Cas-  
 telar;
- 24.º — Pi y Margall confunde a los enemigos  
 del socialismo;
- 25.º — Los precursores del Proletariado mo-  
 derno;
- 26.º — Crueldades burguesas;
- 27.º — Los mártires de Chicago;
- 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;
- 29.º — El proletariado en América;
- 30.º — Los dictadores mejicanos;

**A CURA DAS DOENÇAS PELAS**  
**PLANTAS**, livro útil as boas donas da  
 casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.  
 Redidos a administração do A Batalha

**DESPORTOS**

**Bombeiros V. de Oeiras contra E. D. S. de Cascais**  
 CASCAIS, 13. — Para disputar o campeo-  
 nato da Liga de Futebol Oeiras-Cascais,  
 defrontaram-se ontem as três categorias  
 dos Bombeiros de Oeiras com as do Grupo  
 Dramático e Sportivo de Cascais. Em 3.ª  
 e 2.ª o Grupo Sportivo venceu respectiva-  
 mente por 8 a 0 e 6 a 0, mostrando o  
 grupo grande superioridade de técnica.

O jogo entre as 1.ªs categorias, era espe-  
 rado com grande ansiedade, pois dele de-  
 pendia a boa ou má classificação do grupo  
 de Cascais na 1.ª volta ao campeonato que  
 com este jogo finalizou.

Porém, assim não aconteceu, porque de-  
 vido ao árbitro não ter sabido reprimir o  
 jogo violento que de princípio se desenro-  
 lou, os jogadores de Oeiras, enveredaram  
 pelo caminho das deslealdades, e estas,  
 dentro em pouco, davam lugar a cenas de  
 pugilato, que só não condenáveis.

O jogo não chegou a durar os 90 minu-  
 tos regulamentares em virtude de o capitão  
 de Oeiras ter ordenado a saída dos seus  
 homens. O clube de Cascais estava com o  
 marcador a seu favor em 2 a 1, quando do  
 conflito que deu por findo o desafio.

Agora, dois conselhos: O primeiro, a Ri-  
 beiro, que não deve mais arbitrar jogos do  
 seu clube, pois a continuar, perderá a fama  
 de bom árbitro, que em pouco tempo al-  
 cançou. O segundo, é para os jogadores,  
 que devem ter mais consideração pela as-  
 sistência que não paga para assistir a espec-  
 táculos confusivos. — C.

**Agremiações várias**  
**Sociedade Alves Reite.** — Em segunda  
 convocação, reúne-se hoje a assembleia ge-  
 ral, para eleição dos novos corpos gerentes  
 e outros assuntos de carácter associativo.

**Purgações**  
 e  
**Prostatites**  
 Curam-se radicalmente na Farm. Ultra-  
 marina, R. de São Paulo, 101. Purgações,  
 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou re-  
 centes, curam-se sempre.

**A VENDA a 10.ª SÉRIE**  
**de "Os Mistérios do Povo"**  
 Interessante romance histórico profun-  
 damente ilustrado desde as primeiras  
 idades do homem até à revolução  
 francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10  
 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.  
 A obra mais barata que no género se publica

**ASSIMEM Os mistérios do Povo**

# A BATALHA

## O ESCANDALO DOS ESCANDALOS!

### Pereira da Rosa fez ontem na Associação Commercial gravíssimas acusações à Moagem e aos açucareiros tendo, no entanto, o cuidado de ocultar as suas imoralidades

**O ambiente da sala — A terceira exhibição do trio acrobático — A Moagem, a Companhia das Aguas e os açucareiros zurdidos — Os negócios escuros e a imprensa de balcão — Um artista que corta a colecta — Mais depressa se apanha um mentiroso... — 18 contraditores**

A sessão de ontem na Associação Commercial, em que Pereira da Rosa continua-  
 ria a afirmar os seus créditos acrobáticos,  
 estava destinada a grossa escandalosa. O  
 chefe dos três propunha-se fazer acusações  
 tremendas que ruborizariam os assistentes,  
 na sua maioria creaturas que não coram  
 ante a maior vergonha.

Por isso a alluvia ao Palácio do Co-  
 mércio foi grande, maior mesmo que nas  
 ultimas sessões. E se atendermos a que on-  
 tem a entrada na Associação Commercial só  
 era permitida aos portadores de cartões de  
 identidade de sócios daquela casa e repre-  
 sentantes da imprensa hamos de convir que  
 o interesse pelo escândalo aumentou.

Tinha os espectadores, embora o arti-  
 sta fosse incisivo no ataque às gentes da  
 Moagem e aos seus satélites, saíram pouco  
 satisfeitos pois Pereira da Rosa não conse-  
 guiu provar que O Século pertence ao  
 grupo dos três e não à pelintra União dos  
 Interesses Económicos.

Os espectadores, não comerciantes, sai-  
 ram com esta certeza de que o escândalo  
 O Século veio reforçar a nossa tese de que  
 a sociedade portuguesa esfarela-se ao péso  
 das imoralidades e das ladrocinhas dos se-  
 nhores da Finança, da grande industria e  
 do alto comércio.

Mas vamos dar aos leitores uma pálida  
 ideia do que foi o desempenho do grande  
 artista Pereira da Rosa no acto — Acusação.

**Quem espera, desespera...**

Às 21,30 horas o salão nobre da Associa-  
 ção Commercial estava já cheio. Nos «Paços  
 Perdidos» achavam-se os principais artis-  
 tas: Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira,  
 Moisés Amzalak, Levy Marques da Costa,  
 Alves Diniz, etc.

A presidência, cometida ainda a Carlos  
 de Oliveira a pesar de ser um dos que se  
 encontra em causa, estava desocupada. O  
 paquidémico presidente conversava com os  
 amigos. Começam os primeiros protes-  
 tos de desespero de alguns espectadores:

— São horas! São horas!  
 — Carlos de Oliveira, rosto lúcido como  
 diria o nosso Eça, abdoem desenvolvido,  
 avança para a presidência. E o desespero  
 não cessa de manifestar-se:

— São horas! São horas!  
 — Esperem! Não tenham pressa...  
 Outra voz:  
 — Senhor presidente: há senhas de sa-  
 da?...

Risota geral.  
 Vai finalmente principiar o espectáculo.  
 Pereira da Rosa vai recomçar. São 21,40  
 horas. Primeiras declarações:

— Quando tomei conta do Século foi-me  
 entregue um legado da Moagem no valor  
 de 60 contos. Sabem os senhores de que  
 constava esse legado? De valores de despesa  
 dos empregados na importância de 40 con-  
 tos e de um vale do secretário da direcção  
 daquele jornal no valor de 20 contos, o  
 mesmo individuo que no dia seguinte se  
 passou com armas e bagagens para o Di-  
 ário de Notícias.

E num comentário:  
 — Pois esta verba não figurava como des-  
 pesa. Tinha um carácter reembolsável,  
 quando não passava de documentos de des-  
 pesa não recuperáveis...

O artista lê depois o relatório de Luís  
 Viegas, que examinou a escrita do Século.  
 A certa altura do discurso, uma voz vin-  
 da da rua perturbou Pereira da Rosa:

— Cautela com as carteiros...  
 E as acusações à moagem sucedem-se  
 umas às outras.

— A C. I. Portugal e Colonias vendeu  
 accções à Sociedade Nacional de Tipografia,  
 achando-se, contudo, creditada a importan-  
 cia dessa venda, 450 contos, como supri-  
 mentos.

**As falcatrues da Moagem são, afi-  
 nal, as falcatrues de Pereira  
 da Rosa**

O artista visava agora a C. I. P. e Colo-  
 nias, ou a Moagem por outros termos. Os  
 seus golpes eram fúdes. O leitor vai apre-  
 ciando:

— Na escrita do Século, na verba prejiu-  
 so, figurava a quantia de 1.200 contos. Po-  
 rém não era verdadeira. Essa verba atinha  
 o montante de 2.500 contos!

Agora é uma historia enfiadonha que Pe-  
 reira da Rosa, sem estilo nem espirito, im-  
 pingue aos espectadores sobre Ribas de  
 Avelar. A certa altura Alves Diniz, atin-  
 gido, interroga:

— Afinal, quem é caluniado?  
 Os assistentes ficaram depois conhecendo  
 as razões por que o Diário de Notícias  
 logo depois da compra do Século começou  
 a publicar 14 e 16 páginas, que era o  
 guerrear e competir com o órgão do Perei-  
 rinha. O acrobata contou também que de-  
 pois de uma conferencia entre os represen-  
 tantes daqueles dois jornais acordou-se em  
 voltar o Diário de Notícias à primeira  
 forma.

Os lobos não se devoram, é bem certo.  
 A seguir veio à balha o célebre questio-  
 nário apresentado na primeira sessão em  
 que se fala de Alfredo da Silva. Pereira da  
 Rosa diz que é amigo do rei do sabão —  
 porque não «havera» de ser — e que quan-  
 do atacavam a bomba e a tiro ele lhe pres-  
 tou a sua solidariedade.

Vangloria-se a seguir de ter contribuído  
 para a deportação de alguns individuos  
 para a Africa, única forma de se limpar a  
 sociedade portuguesa. Não teve medo. E  
 homem para tudo.

Um comentário:  
 — Também acreditel E para mais alguma  
 coisa!

**Pereira da Rosa, o homem milenário...**

O artista continua a defender o seu amigo  
 Alfredo da Silva. Outra frase:  
 — O sr. Alfredo da Silva nunca deu um  
 real para a compra do Século.  
 Um cavalheiro que estava próximo da

mesa da imprensa:  
 — Directamente, não. Mas há muito ro-  
 cesso de matar pulgas.  
 E logo um outro espectador:  
 — E o mais vulgar é o de esburachá-las.  
 Isto é metê-las entre as rnhas.  
 A ironia não termina:  
 — As unhas nos está ele a meter no dorso  
 como abutre que é...  
 — Estranhou-se, prossegue Pereira da  
 Rosa, que as accções fossem compradas  
 pelo grupo que dirige O Século.  
 O acrobata nunca teve ironia:  
 — Acaso o sr. Moisés Amzalak não dis-  
 põe dos dinheiros da judiaria internaciona-  
 l? Acaso o sr. Carlos de Oliveira não é o  
 pupilo da Companhia de Jesus? Acaso não  
 sou eu um homem milionário?  
 E acrescenta:  
 — Sim, não é isto que se diz para ai?  
 Uma voz:  
 — Homem milenário é que você é! Mili-  
 nário pretende-se ser a nossa custa.  
 Vem novamente, agora, a explicação de  
 que O Século é de um grupo de accionistas,  
 chefiados pelos três, e não da U. I. E. En-  
 tre o acrobata e Alves Diniz há uma troca  
 de apertes por o artista ter metido os pés  
 pelas mãos quando se equilibrava na corda  
 bamba...

Seguidamente Pereira da Rosa diz que  
 nas forças económicas há pessoas valentes  
 que defendem interesses com grande cora-  
 gem.

— Também Diogo Alves e João Brandão  
 eram valentes quando defendiam os seus  
 interesses! — ouve-se proferir.

O espectáculo deriva a seguir para um  
 diálogo entre o artista e Levy Marques da  
 Costa.

— O sr. L. M. da Costa que protesta  
 agora contra o tabelamento já o defendeu  
 na Câmara Municipal de Lisboa.

O atingido:  
 — Em que data foi isso?  
 Pereira da Rosa:  
 — Em Agosto de 1914!  
 Da assistência:  
 — Ah! Ah! Ah!

**Rallam as comadres...**

O artista prosseguindo:  
 — Não sei quando o sr. Levy é sincero.  
 Mas sei que ele atacava a Moagem em 1914,  
 porque era vereador, deputado e marechal  
 do Partido Democrático.

Comentando:  
 — Mas hoje é vice-presidente da Associa-  
 ção Industrial e um dos principais accionis-  
 tas da C. I. P. e Colonias...

Pereira da Rosa continua a malhar no  
 seu adversário. Mas este, que tem admirá-  
 vel arcaiboço, agüenta-se bem:

— O sr. Levy Marques da Costa andou  
 comigo criando ambiente para o movimento  
 de 28 de Maio. Agora, porém, já se esque-  
 ceu do que disse.

E sem pestanejar:  
 — Para vencer recorri a todos os proces-  
 sos honestos. Empenhei as joias de minha  
 mulher!

E voltando-se para a assistência:  
 — Quem é que está aí que tenha uma fo-  
 lha de serviços igual à minha?

Um comerciante católico que estava pró-  
 ximo de nós:  
 — Deus nos livre disso! Livra! Cruzes  
 canhoto!...

Do livro folhas de serviço ainda não se  
 conclui a sua leitura:

— Quando foi das senhas progressivas  
 quiseram comprar o silêncio do Século que  
 atacava essa roubalheira. Ofereceram-me  
 uma quantia que eu repeli.

Uma voz:  
 — Porque não chegaram à conta!  
 O artista continua:  
 — Ataquei a Moagem, que rouba o povo  
 e ainda o envenena, e a Companhia das  
 Aguas que mata a sede a população.

Explicando:  
 — A Moagem vendendo por 800 gramas  
 um quilo de pão.  
 Carlos Reis:  
 — Senhor presidente: Isto assim não está  
 bem!...

La caindo. Troia. Na sala ninguém se en-  
 tendia. E Carlos Reis, como pessoa delic-  
 da, proferiu uma obscenidade que, por de-  
 cência, não reproduzimos.

# TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

**«Madame Butterfly», de Puccini e «Carmen» de Bizet**

No prosseguimento das representações  
 de recitas extraordinárias a empresa de  
 São Carlos levou à scena «Madame But-  
 tery» e «Carmen». Foi brusco o salto de  
 «Aida» para a primeira destas óperas. Houve  
 porém ensejo de apreciar elementos novos  
 que, de momento a momento, estão apre-  
 cendo e que, indubitavelmente, demons-  
 tram que há o desejo de dar um elenco  
 tanto quanto possível variado. «Madame  
 Butterfly» é uma ópera cheia de pitoresco,  
 com um carácter muito especial que a par-  
 titura desenha. Contam-se por algumas de-  
 zenas, os intérpretes que em Portugal ela  
 tem tido.

Isang Tapales é uma soprano com quali-  
 dades, às quais deve o bom éxito que lo-  
 grou no seu papel, que, não sendo retum-  
 bante, foi aliás correcto. O público ouviu  
 a cantora com agrado. O tenor Gennaro  
 Barra disse com relevo a sua parte equi-  
 librando o conjunto em que Ginevra Amato  
 teve uma boa quota parte. Os coros afin-  
 dos e a direcção de Gino Puccetti acer-  
 tada.

\*\*\*

A «Madame Butterfly» agradou, sem  
 restrições, mas onde o entusiasmo do pú-  
 blico chegou ao rubro, como se dizer-se,  
 foi na «Carmen», a deliciosa partitura de  
 Bizet, sempre nova, sempre com efeitos de  
 beleza inéditos, viva de pitoresco, encan-  
 tadora de inspiração.

A partitura da «Carmen» é duma formo-  
 sura estranha, dum lirismo inigualável;  
 há de ficar na história da música de todos  
 os tempos pelo colorido, pela elegância,  
 pela proficiência com que está trabalhada.

Só muito bem cantada se aceita, porque  
 não há o direito de sacrificá-la a vozes  
 frouxas, a artistas líricos sem compreen-  
 são do que estão fazendo. Mas a soprano  
 Cristoforeanu, que desta vez desempenhou  
 a Carmen, é uma das mais notáveis intér-  
 pretes que tenho ouvido. Voz rica de agudos  
 e de graves, timbre duma mateabilidade  
 enorme, expressão soberba de colorido,  
 achando o claro-escuro musical, e o que é  
 mais, o claro-escuro dramático, Cristoforeanu  
 empolgou justamente a plateia pela  
 extraordinária beleza da dicção, pela emiss-  
 são simples, equilibrada que toca todos os  
 cambiantes que a dramatização impõe. Não  
 se pode cantar melhor e raríssimas vezes,  
 entre nós, Carmen terá achado quem lhe  
 tenha dado um tal relevo dramático e lírico.  
 Já no primeiro acto a actriz e a cantora se  
 faz notar pela maneira inteligente como de-  
 senha a personagem, pela esmerada compo-  
 sição que dá ao papel e à partitura.

Não se admite, agora que a crítica impar-  
 cialmente vem dizer o que vale esta admi-  
 rável cantora, que o público abandone o  
 teatro deixando de ver uma das mais ex-  
 traordinárias intérpretes da «Carmen». Um  
 público assim não terá, amanhã, o direito  
 de afirmar que Lisboa não apresenta bons  
 intérpretes de ópera. O tenor Bergamaschi,  
 a cuja voz falta doçura e lirismo, patenteou,  
 no entanto, a robustez dela, tendo conse-  
 guido esplendidos «agudos» no terceiro  
 acto. «Michaela», entregue a Luba Mirelli,  
 encontrou uma voz agradável, que no mes-  
 mo acto teve ocasião de brilhar. O barítono  
 Tagliabue muito bem no toureiro. Os coros  
 seguros, a regência orquestral de Giacomo  
 Armani, firme.

**Nogueira de BRITO**  
**Concerto da Orquestra Portuguesa**

O maestro Fernandes Fão continua a  
 dar-nos óptimos concertos, como o prova  
 o quinto da temporada, realizado no do-  
 mingo no Teatro do Gimmásio. «A sonata»  
 de Bach em primeira audição e a «Invita-  
 ção em voyage», de Dupore, cantada pela  
 conhecida cantora D. Manuela Pinto Basto,  
 pela primeira vez também ouvida em Por-  
 tugal, chamaram uma grande concorrência  
 que oxalá não afrouxe nos concertos que  
 se forem seguindo.

A sonata de Bach é uma página de bela  
 estrutura, impregnada de melodismo «gra-  
 dabilissimo» e vivida num ambiente de  
 plangentismo. A «Invitation en voyage»,  
 cantada por D. Manuela Pinto Basto, com  
 bastante distinção, é uma página menos  
 rara, mais usual de sentido melódico. O con-  
 certo constava também do «Parsifal» (En-  
 chantement de vendredi sainte) Siegfried  
 (murmúrios da floresta, e a abertura dos  
 «Mestres Cantores».

A orquestra tocou com um grande brio  
 esta última, com admirável unção a pri-  
 meira e com vivaz louganismo os «Murmú-  
 rios». A «rapódia», em ré de Liszt e as  
 «Danzas do Príncipe Igor», também foram  
 executadas com um virilissimo relevo.

Na sonata de Bach merecem referência  
 muito especial Luís Barbosa, no violino, e  
 Sampaio Ribeiro no órgão. A instrumenta-  
 ção que Respighi arranjou para esta sonata  
 é extremamente sugestiva e movimentada.

N. B.

**O grande éxito de Tomás Vieira**

Está obtendo um formidável successo, to-  
 das as tardes e todas as noites, no Teatro  
 Salão Foz, o popular actor cómico Tomás  
 Vieira que faz um engraçadissimo repertó-  
 rio de canções e aneddotas.

Esta noite despedem-se a distinta artista  
 Zulmira Bettencourt, o seu «partenaire»  
 Francisco Costa e o côro que os acompa-  
 nha. Continuum em pleno éxito as encan-  
 tadoras cantoras e o grupo de cantores e  
 operários que tem no Século que represen-  
 tam 3.000 pessoas.

Um espectador:  
 — Isto é que é bater o «record»...  
 Para a meia noite faltam cinco minutos s.  
 Pereira da Rosa declara:  
 — Vou terminar.

Muitas vozes:  
 — Apoiado! Apoiado!  
 — Mas antes de o fazer devo declarar que  
 abandono todos os trabalhos associativos.  
 Desligo-me da A. Commercial. Estou farto...  
 Na sala comenta-se:  
 — Há muito tempo que o devia ter feito.  
 Outra opinião:  
 — Estamos fartos de ser vigarizados.

**Pereira da Rosa já lê «A Batalha»**

O artista antes de se despedir:  
 — Acusaram-me de ladrão dos haveres  
 do Século. Publicou-se até um manifesto  
 fazendo-me essa acusação. Esse manifesto  
 foi transcrito pelos jornais *Correio da Ma-  
 nhã*, *O Mundo* e *A Batalha*. Estão aqui os  
 exemplares desses jornais que podem ver!  
 Um aparte muito oportuno:  
 — Então é já lê *A Batalha*. Nesse caso  
 não deve ignorar do que o órgão operário  
 o acusa.

A sessão foi em seguida suspensa para  
 prosseguir amanhã. Estão inscritos 18 con-  
 traditores: A coisa promete. Talvez seja  
 desta vez, a pesar da policia continuar vi-  
 gando.

**Império Argentina, no Trindade**

«O Marquês de Villemers», em scena no  
 Trindade, vai ter um final de sensa-  
 ção, um «Fin de Fiesta» ruidoso, alacre,  
 vivo e grandioso. Hoje, portanto, após «O  
 Marquês de Villemers», cuja representação  
 se inicia às 9 horas prefixas, havendo ape-  
 nas um único intervalo na peça, far-se-á  
 apresentação ao público da maior de todas  
 as artistas «tonadilleras» — Império Argen-  
 tina — a célebre «Imperatriz del Tango»,  
 como lhe chamam em toda a Espanha e  
 nessa Argentina que ela representa artísti-  
 camente nos palcos de todo o mundo, lide-  
 ramente cantando a sua canção mais  
 expressiva, exibindo os seus trajes mais  
 característicos.

**A revista «Tarifa 1»**

Sabido que o Parque Mayer, mesmo nesta  
 quadra de inverno ameno, continua sendo  
 um dos melhores pontos de refúgio de  
 Lisboa, ninguém deixará de acreditar, por-  
 que isso foi constatado por milhares de  
 pessoas, que o Maria Vitória, o mais repu-  
 tado e popular teatro de revista, teve on-  
 tem nas suas duas sessões, em virtude do  
 successo obtido pela sua revista «Tarifa 1»,  
 duas grandes e formidáveis enchenches,  
 que hoje vão repetir-se, visto que muita gente  
 ficou sem bilhete e dali não safu sem de-  
 xar os lugares marcados para esta noite.

**O «Pé de Salsa», no Avenida**

Até à próxima quinta feira o Avenida  
 conservará fechadas as suas portas para  
 activar os ensaios, de dia e de noite, no  
 novo «vaudeville» «O Pé de Salsa», que  
 sobe à scena, imprevisivelmente, na pró-  
 xima sexta feira, 17, terceira peça deste  
 género posta em scena por esta compa-  
 nhia, e como as anteriores, «O pão de ló» e  
 «O dr. da Mula Ruça», destinada a divertir e  
 alegrar o público, adaptação de Felix Ber-  
 mudes, João Bastos e André Brun, de uma  
 comédia alemã engraçadíssima, cujo éxito  
 tem corrido mundo, mas que estes escri-  
 tores arranjaram adequando-a ao nosso  
 meio, polvilhando-a com o seu reconhecido  
 humorismo e fazendo-a musicar pelo ins-  
 pirado maestro Agel Gomez, que fez uma  
 partitura moderna, saltitante e viva, como  
 convinha.

— A primeira representação da célebre  
 ópera de Ponchielli, «Gioconda», que hoje  
 se efectua em São Carlos, tem foros de um  
 acontecimento artístico de grande relevo,  
 pois que não só facultará ao público ouvir  
 mais uma vez a eminente cantora Geannina  
 Arangi Lombardi, assim como o tenor Luigi  
 Marini, que nesta ópera faz a sua estreia  
 em Lisboa. Os principais intérpretes da  
 «Gioconda» são, além destes dois artistas,  
 o barítono Tagliabue, o baixo Donagio e  
 os mecos-sopranos Antonietta Toini e Gi-  
 nevra Amato, entrando no bailado das ho-  
 ras a admirável bailarina Ginevra Crato-  
 longo. Dirige a orquestra o insigne maestro  
 Giacomo Armani.

A manhã repete-se a «Carmen».

**Hemorroidal**

Curar-se evitando operação, tanto interno  
 como externo, em 5 dias, na Farmácia Ul-  
 tramarina, rua de São Paulo, 101. Receita  
 completa, 30\$00.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid cheque		2599
Paris, cheque		279
Suica, cheque		2879
Bruxelas cheque		2874
New-York, cheque		9560
Amsterdão, cheque		7584
Líbia, cheque		190
Brasil, cheque		2830
Praga, cheque		5585
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2877
Berlim, cheque		4507

TEATROS

São Carlos.—A's 21.—Gincoada Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.

São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.

Gincoada.—A's 21.—A Petisa do Gato.

Trindade.—A's 21.—O Marquez de Villemor.

Politeama.—A's 21.—O Inimigo.

Apolo.—A's 20, 22, 23.—A Mouraria.

Eden.—A's 20, 22, 23.—Cabaz de Morangos.

Maria Vitória.—A's 21, 23, 24.—Tarifa 1.

Variedades.—A's 20, 22, 23.—O Pinto Calçado.

Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e 20, 23.—Variedades.

Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.

Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alentejo (Alentejo).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. (Mouraria).—Cine-Expectança. (Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo. —Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Nery. —A's 9 horas.

Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar.—4 horas.

Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães.—10 horas.

Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff.—2 horas.

Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos.—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira.—12 horas.

Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo.—3 horas.

Doenças das mulheres.—Dr. Emilio Paisa.—2 horas.

Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mota.—12 horas.

Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma.—3 horas.

Raios e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 horas.

Cirurgia e radio.—Dr. Cabral da Mota.—4 horas.

Raios X.—Dr. Azeite Salgado.—4 horas.

Análises.—Dr. Gabriela Beato.—4 horas.

Associação de Socorros Mútuos

"Carlos Calderon"

Rua do Olival, 3, 1.º joia

Convoco a assembleia geral a reunir no dia 16 do corrente, pelas 20 horas, para a eleição dos corpos gerentes para o ano de 1927. Não reunindo número legal, fica adiada para o dia 26, pelas 13 horas.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Mesa,

F. Borges Frazão

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

LEILÃO

Em 20 do corrente, às 12 horas, por intermédio do agente Julio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 114 da Tarifa Geral, proceder-se-á à venda em hasta pública, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avizem-se, portanto, os respectivos consignatários de que poderão ainda retirar-lhes o seu depósito à Sociedade "Estoril", para o que deverão dirigir-se à Secretaria, na sua sede, Praça Duque da Terceira, 24, 1.º, todos os dias úteis, até ao dia 18 do corrente.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1926.—O engenheiro-director, M. Bello.

"HERPETOL"

—) Dá um (—

Alívio instantaneo



SOFRE DE URTICÁRIA provocada pelo ECZEMA ou outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a urticária.

O "HERPETOL" CURA. A atestação tem os indícios pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado. O medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do "HERPETOL" é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDERURAS DE INSECTOS, ECZEMA, HUMIDO E SECO e ICROSTIS DURA.

Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL", o melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos: em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B, 2.º

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhins para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELES. N. 3691

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliário em ferro e madeira, —na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo por Campos Lima, 3502.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º — Telefones N. 3435

CORPO CLINICO — DOUTORES

A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 h.

António de Carvalho — Pele e sífilis — às 18 h.

Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 14 1/2 h.

Carlos Guerra — Clínica médica — Doenças do coração e pulmões — às 12 h.

Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Prótese — Doenças tropicais — às 17 1/2 h.

Fernando Waddington — Raio X — Electricidade médica.

Heitor da Fonseca — Clínica médica — Doenças do estômago, intestinos e fígado — às 13 h.

J. Pais de Laranjeira — Doença dos rins e vias urinárias — às 11 h.

José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — às 10 h. e 12.

Lopes de Andrade — Doenças dos olhos — às 17 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

Lofaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores .. 4.000.000\$00

1.200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 27\$50, candelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitas padras de boas fazendas de lã para venda directa das fábricas ao publico, que vendemos por baixos preços.

Estambres e casimiras desde Esc. 1400 o metro, grande sentimento das principais fábricas de lã, e um escolhido artigo de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem competição. Há feitos e fazem-se por medida, sobrados para homens e crianças desde Esc. 18000. Casacos de senhora desde Esc. 12000.

Tem alfaiataria para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

SERVICO DE ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de 300 metros de tubo e 7 peças em ferro fundido

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz publico que no dia 30 do corrente mês de Dezembro pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede n.º 63, Lisboa, se há-de proceder a um concurso publico para a adjudicação da compra de 300 metros de tubo e 7 peças em ferro fundido.

Para ser admitido à licitação devesse o concorrente mostrar que effectue em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do ultimo dia útil anterior ao do concurso o depósito de 50000.

O concorrente a quem for feita a adjudicação, terá de reforçar o seu debito provisório no prazo de oito dias contados da data em que mesma for notificada, com a quantia necessária para pagar 5 %, da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de effectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, calçada do Correo Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1926.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Feio Terenas.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

SECCAO DE LITERRATURA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista	3500
Antonelli, — A Rússia bolchevista...	2500
Cura Merlier, — A razão dum padre	5000
Dufour, — O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes)...	8000
Emilio Bossi, — Cristo nunca existiu...	6000
Geo Williams, — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo...	1500
Gustavo Le Bon	4500
As primeiras consequências da guerra...	8000
Ensaios psicologicos da guerra europeia...	8000
Leis psicologicas da evolução dos povos (enc.)...	6000
Guyau, — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção...	5000
Educação e Hereditariedade...	4500
Hamon	4500
A conferência da paz e a sua obra	5000
Aslições da guerra mundial...	8000
O movimento operário da Grã-Bretanha...	5000
Psicologia do socialismo-anarquista	5000
A crise do Socialismo	500
A psicologia do militar profissional...	5000
Henrique Leone — O Sindicalismo...	4500
Heliodoro Salgado	10000
O culto da Imaculada...	10000
Jean Grave	4500
A sociedade Futura...	5000
O individuo e a sociedade...	4500
Joseph J. Ettor, — Unionismo industrial...	500
Julio Justus	500
Gustav Ebert, — Os I. W. W. na teoria e na pratica...	3500
Kropotkin	1500
Anarquia, sua filosofia e seu ideal	1500
A Grande Revolução (2 vol.)...	10000
A moral anarquista...	500
Os bastidores da Guerra...	500
O Estado e o seu papel historico	1500
Lazare, — A Liberdade...	500
N. Léning, — Os problemas do poder dos Soviets...	1500
O Estado e a Revolução...	4500
Landauer, — A Social Democracia na Alemanha...	500
Manuel Ribeiro, — Na linha de fogo...	3500
Marx, — O Capital...	5000
Melchior Inchofer, — Monarquia jesuitica...	3500
Nietzsche	4500
Anti-Cristo...	4500
Genealogia da moral...	4500
Neno Vasco, — Ao Trabalhador Rural	350
Georgicas...	350
Concepção Anarquista do Socialismo...	3500
A greve dos inquilinos...	1500
Novikov, — A emancipação da mulher	4500
Patul e Pouget, — Como faremos a revolução...	4500
Perfeito de Carvalho, — Notas e comentários...	1500
Sebastião Faure, — Doze provas da inexistência de Deus...	1500
Temás da Fonseca, — Sermones da Montanha...	12500

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã...	16500	Jorge Teixeira — Gatos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro)...	2550
Alexandre Hercolano		Juliano Quintinha	
Lendas e Narrativas (2 volumes)...	18500	Vinhos do Mar...	8500
Cartas (2 volumes)...	18500	Cavalgada do Sonho...	8500
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.)...	27500	Terras de Fogo...	8500
Adolfo Lima		Dor vitoriosa (novela)...	5000
Contracto do Trabalho...	10500	Laisant, — Iniciação matemática...	5000
Educação e ensino...	5500	Malvert, — Ciência e Religião...	10500
O ensino da história...	1550	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela)...	5000
Aquilino Ribeiro		Anastácio José (idem)...	5000
Anatole France...	3500	Manuel Ribeiro	
Entrada de São Tiago...	10500	Podar redentor (novela)...	5000
Jardim das Tormentas...	10500	Mirbeau — O Jardim dos Suplicios...	4500
Via Sinuosa...	10500	Noqueira de Brito	
As Filhas da Babilônia...	10500	1-Memórias de Angela Pinto	15500
Terras do Demo...	10500	Sangue Fidalgo (novela)...	5000
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)...	2500	Não, diz a Lei (novela)...	5000
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados)...	10500	Pargam — Origem da vida...	8500
Bento Faria, — Missa nova (teatro em verso)...	2500	Oliveira Martins	
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus...	4500	Helénismo e a Civilização Cristã...	15000
Buckner, — O homem segundo a ciência...	12500	História da Civilização Ibérica...	15000
Charles Darwin — Origem das espécies...	14500	História da República Romana (2 volumes)...	30500
Campo Lima		História de Portugal (2 vol.)...	30500
O Estado e a evolução do Direito	12500	Raças Humanas (2 vol.)...	30500
O Amor e a Vida...	5000	O Brasil e as Colônias Portuguesas...	15000
Ceia dos Pobres...	2500	Cartas Peninsulares...	15000
A Revolução em Portugal...	6000	Sistema dos mitos e ficções religiosas...	15000
Cristiano Lima — A escola de Nuno Álvares (novela)...	2500	Orlando Marçal	
Duarte Lopes, — Frei Sangué...	5500	Águas claras...	6000
Eça de Queiroz		Imagens de Sonho...	1500
O crime do Padre Amaro...	18500	Raul Brandão	
O primo Basílio...	15500	Os Pescadores...	10500
O Mandarim...	8500	Os Pobres...	10500
Os Maias (2 vol.)...	28500	O Teatro Educado (br. 5500) (encenado)...	8500
A Reliquia...	15500	Spencer — Da Educação (br. 5500) (encenado)...	8500
A Cidade e as Serras...	12500	Sobral de Campos — Dois tiros (novela)...	2500
Frade Mendes...	9500	Tolstoi, — A sonata de Kreutzer...	4500
Casa Ramires...	15500	Anna Karenine (3 vol.)...	15000
Prosa Bárbara...	10500	Toulouse, — Como se deve educar o espirito...	4500
Ecos de Paris...	9500	Wenceslau de Moraes	
Cartas Familiares...	9500	Dai-Nippon...	12500
Cartas de Inglaterra...	9500	Victor Hugo	
Minas de Salomão...	9500	França e Bélgica...	10500
Notas Contemporâneas...	15500	O Reno (2 v.)...	15000
Ultimas páginas...	15500	Os Miseráveis (2 grossos vol.) ilustrados, encadernados...	40500
Contos...	15500	Zola	
Ernesto Haeckel		A Taberna...	12500
História da Criação...	20500	Tereza Raquin...	5000
Origem do Homem...	5000	Alegria de viver (2 vol.)...	8500
Os enigmas do Universo...	14500	A conquista de Plassans, (2 vol.)...	8500
Monismo...	4500	Fecondidade...	20500
Religião e evolução...	6000	A fortuna dos Rougous, (2 vol.)...	8500
As maravilhas da vida...	14500	Uma página de amor...	9500
Faguet, — Iniciação filosófica...	5000	Dr. Pascal...	8500
Iniciação literária...	10500	FOLHETOS	
Faria de Vasconcelos		Eusebio Realus — Anarquia e a igreja...	1500
Problemas escolares...	5000	A Evolução legal e a anarquia...	500
Por terras de além mar...	5000	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura...	500
Ferreira de Castro		José Prat, — A burguesia e o proletariado...	500
Sangue Negro...	2550	A necessidade da Associação...	500
Sentidas de Lirismo e de Amor...	8500	Content, — Contra o confusãoismo...	500
A Peregrinação do Mundo Novo...	6000	Alfredo Neves Dias, — Razão (poema social)...	500
F. Castro e E. Fria — A Boca da Esquina...	6000	Ernesto da Silva, — Teatro livre...	500
Flamarion		Arte Social...	500
Iniciação astronómica...	5000	Landauer, — Social Democracia...	500
Contos de luto...	5000	R. Mota, — O principio do fim...	500
Como acabou o mundo?	7500	A maçonaria e o proletariado...	500
Os habitantes dos outros mundos	4500	J. Most, — Peste religiosa...	500
Felix de Dantes, — As influências ancestrais...	10500	João P. do Rio	
Fialho de Almeida		Definições sociais...	500
Lisboa Galante...	10500	Horas anarquistas (versos)...	500
Estâncias de Arte e Saúde...	9500	Trovas da Noite...	1500
Figuras de destaque...	9500	Roberto, o pescador...	1500
Actores e Autores...	9500	Memórias do Parque de São João do Forte...	1500
Contos...	9500	Carnet de Pensamento...	500
A Esquina...	9500	Bakunine, — O sentido em que os anarquistas...	500
Aves Migradoras...	9500	Chueca, — Como não ser anarquista...	500
Barbear, Pentear...	9500	Lazare, — A Liberdade...	500
Cidade do Vício...	9500	B. Etrivant, — A minha defesa...	500
Pasquinadas...	9500	Os bastidores da guerra...	300
País das Uvas...	10500	Moral anarquista...	500
Saibam quantos...	9500	O espirito revolucionário...	500
Vida errante...	9500	O estado e o seu papel historico...	1500
Vida ironica...	9500	J. Guedes, — Lei dos Salários...	500
Guerra/Unqueiro, — A morte de D. João Musa em férias...	10500	Roland, — Rússia Nova...	500
Os Simples...	7500	O sindicalismo e os intelectuais...	500
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)...	14500	D. Carvalho, — A gestão sindical no periodo revolucionário...	500
Brochado...	10500	A. Hamon, — A crise do socialismo...	500
Gorki, — Os Degenerados...	4500	J. Santos, — A transformação da sociedade...	500
Os Vagabundos...	4500	Neno Vasco	
Na Prisão...	2550	Greve de inquilinos, teatro...	1500
Isen, — Espectros...	4500	Proletariado Histórico...	1500
Casa de bonecas...	5500	G. Archinof, — A Revolução social e o Sindicalismo...	500
Jacquinet, — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão, — Adão e Eva (teatro)...	10500	Carlos Rates, — Aditadura do proletariado...	1500
José Benedit, — A ciência redentora (novela)...	2500	Emilio Chapelier, — Porque não creio em Deus...	1500
Jesus Peloto, — O mestre geral (novela)...	2500	Rodolfo Rocker, — O socialismo revolucion. e a organização operária...	1500

OS MISTERIOS DO POVO

14-12-1926

todos os cidadãos... Não era a bárbara curiosidade de gente que viesse regalar-se com o suplicio dum homem... era o interesse poderoso dum povo apaixonado pela liberdade, que queria assistir aos últimos suspiros da realeza... Outrora, quando morria um rei em Versalhes, o reinado do seu sucessor era logo anunciado pelos gritos: «O rei morreu, viva o rei!» como para fazer compreender à nação que o despotismo era imortal. Aqui, um povo inteiro exclamava: «O rei morreu, viva a República!» para mostrar ao universo que a tirania tinha morrido com o tirano.

Oxalá que igual sorte esteja reservada a todos os reis!

26 de Janeiro de 1793. — Inscrevo esta data sem comentários no meu jornal... Casei hoje com Carlota Desmarais. Vou agora continuar a nossa legenda.

A-pesar da circular dirigida aos seus colegas da Convenção pelo advogado Desmarais, fixando a época do casamento da filha com João Lebronn para o dia do suplicio do tirano, Carlota, sem se importar com o vivo desapontamento do pai nem com as suas instâncias reiteradas, não consentiu em casar senão a 26 de Janeiro. O advogado, que considerava este casamento como uma salvaguarda, tinha escolhido Robespierre e Marat para testemunhas da noiva, as de João Lebronn foram Billaud-Varenne e Legendre. O official municipal recebeu na secção o juramento na noite de 26 de Janeiro. Havia muitos dias que João Lebronn tinha obtido do seu antigo patrão, mestre Gervásio, o trespasse do seu estabelecimento de serralheiro e do alugador da sua casa; as reparações, os modestos melhoramentos da sua futura morada ficaram acabados na véspera do casamento.

Os novos esposos, quando regressaram da secção, receberam os parabéns das testemunhas, que os acompanharam até a casa do sr. Desmarais.

O advogado disse a João Lebronn:

Deixo o por um momento, meu caro genro, para

ir buscar o dote de minha filha, que lhe quero entregar já.

Assim que o sr. Desmarais saiu do salão, a sr.ª Desmarais disse à filha e a João Lebronn:

Meus filhos, eis o momento decisivo; eu antes queria morrer do que viver mais tempo com meu marido... mas tremo só em pensar na raiva que lhe vai provocar a nossa resolução. Não me abandonem.

Como podes tu imaginar semelhante coisa, querida mãe? retorquiu Carlota. Então a nossa vida não está ligada à tua?

É se elle se opuzesse a esta separação?... Ele tem, talvez, esse direito, meus filhos...

Socegue, querida sogra! replicou João Lebronn. Em primeiro lugar, esta separação livrará o sr. Desmarais do medo de ser comprometido pelo seu grau de parentesco com o sr. Humberto, que, infelizmente... recusou a proposta que lhe foi feita em meu nome.

Aí! meu irmão respondeu que apreciava os seus sentimentos para com elle nesta circunstância, meu caro genro, mas que julgava cobardia tomar o compromisso de se conservar passivo, e que queria conservar a sua liberdade de acção para combater a República.

Deploro a cegueira de meu tio, disse Carlota suspirando, mas não posso deixar de prestar homenagem à firmeza do seu caracter.

Minha querida Carlota, o sr. Humberto é, na verdade, um dos adversários que a gente estima, ainda mesmo quando o combate. Eu espero, como muitas vezes tenho dito a tua mãe, que, impressionado pela atitude da população de Paris no dia 21 de Janeiro, teu tio, homem de bom senso, reconhecerá quanto seria agora vã qualquer tentativa contra a República...

Em todo o caso, minha querida sogra, o sr. Desmarais, tão cheio de terror pelos perigos a que se julgava exposto pelo seu parentesco com o sr. Humberto, só verá nesta separação mais uma garantia da sua salvação futura, e não tentará impedi-la. Tal é a minha opinião.

Neste momento entrava o advogado no salão, tra-

zendo na mão um cofresinho que ofereceu ao artista, dizendo:

— Meu caro genro, achi na caixa, além da soma que lhe tinha dado, mais uns cem luses, que juntei ao dote de minha filha.

E como João repelia com um gesto o cofre, o advogado, muito surpreso, acrescentou:

— Pegue neste cofre, meu caro discípulo, que elle contém, em bons e belos luses, o dote que lhe prometi, e ao qual acabo de acrescentar duas mil e quatrocentas libras. A'lem disso, fica entendido que, para compensar a insignificância deste dote, Carlota, meu genro e sua irmã ficarão habitando aqui. Vivemos todos em família.

Cidadão Desmarais, disse João Lebronn, antes de aceitar o dote que me oferece e de que não tenho precisão nenhuma, é do nosso dever, tanto me como de minha mulher, avisá-lo dos nossos projectos. Em primeiro lugar, quero continuar com o meu officio de serralheiro.

— Bravo! muito bem, meu caro discípulo! exclamou o advogado com fingido entusiasmo. Em vez de se envergonhar da sua condição, em lugar de ver nas vantagens que lhe oferece este casamento um meio de renunciar ao trabalho para viver na ociosidade, quere continuar a ser operário!... E' admiravel!

Cidadão Desmarais, eu tenho pressa de fazer cessar um mal entendido que parece existir entre nós. Após maduras reflexões, minha mulher e eu estamos resolvidos a viver em nossa casa, completamente separados de si.

— Que quere isso dizer?

— Quere dizer, cidadão Desmarais, que o meu patrão me vendeu o seu estabelecimento de serralheiro. Segue-se disto que os meus trabalhos e o cuidado da minha officina me obrigam, bem como a minha mulher, a morar fora de sua casa, cidadão Desmarais; por isso aluguei a casa até agora habitada pelo meu antigo patrão; e, esta noite mesmo, minha mulher e eu vamos

tomar posse do nosso novo domicilio. E' questão definitivamente resolvida.

— Sim, meu pai disse Carlota. Foi essa a resolução que tomámos.

A estas palavras proferidas por João Lebronn e por Carlota, em tom que não admitia réplica, o advogado Desmarais, mudo de espanto, fez-se livido. A-pesar da sua dissimulação, este homem, desviado pelo medo, exasperado pelo que considerava uma indignidade da parte da filha e do genro, exclamou, dirigindo-se a Carlota:

— Traição!... infame traição!... Filha desnaturalada e indigna! é assim que paga as minhas bondades para comigo? Terá a audácia de abandonar a casa paterna!...

Depois, voltando-se para João Lebronn, prosseguiu:

— Traidor, que assim abusou da minha boa fé... da minha generosidade!

— E' melhor não continuar nesse tom, cidadão Desmarais! replicou João Lebronn. Não me obrigue a esquecer o respeito que devo ao pai de minha mulher. Não me force a dizer-lhe os motivos porque sua filha... e sua mulher... estão resolvidas a viver fora de sua casa.

— Minha mulher!... exclamou o advogado, reabrindo de furor. Também ella se atreve...

— Sim, senhor! replicou a sr.ª Desmarais. Também eu quero separar-me de si. O senhor tratou-me com a maior crueldade, porque meu infeliz irmão, proscrito, fugitivo, lhe viu pedir asilo por algumas horas. O senhor denunciou-me ao commissário da secção... exigindo-lhe que me prendesse!... O senhor dirigiu-me esta ameaça: «Se fôsse necessário, senhora, para me salvar, enviá-la ao cadafalso, eu não hesitaria um momento. Actualmente devo «rugar com os tigres»... mas, nesse caso, tornar-me-ia tigre eu próprio.

Silêncio! bradou Desmarais desesperado. Quere mandar-me para a guilhotina, falando assim deante deste homem, que está talvez à espera do momento oportuno para me deitar a perder?... Maldita serpente que eu aqueci no meu seio!...



D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 8

INICIATIVAS ÚTEIS

PROBLEMAS OPERÁRIOS

## A JORNADA DE SEIS HORAS

Há mais de quarenta anos, quando se avançou um passo, audaciosamente, em demanda da jornada de oito horas, a burguesia gritou que isso seria uma loucura. Economistas servis encarregaram-se de provar com números e estatísticas que era impraticável a jornada de oito horas, que ela transtornaria irreparavelmente as bases da sociedade, que destruiria, enfim, toda a vitalidade económica do país que a reconhecesse de facto.

Os homens que inspiravam a redução da jornada não se intimidaram e sustentaram a possibilidade da jornada de oito horas, pagando a sua alívio com a própria vida. Mas a ideia não morreu no caualão como os seus propugnadores. Vertiginosamente se abriu caminho através do mundo inteiro. As oito horas converteram-se em uma realidade para o proletariado da maioria dos países.

Para se saber, cientificamente, se é realizável a jornada de seis horas, não vamos interrogar os oráculos da ciência oficial nem os capitalistas. Interrogaremos a disposição das nossas forças e a resposta será mais exacta. A possibilidade de se estabelecer a jornada de seis horas não reside senão em nossa própria vontade.

A conquista das seis horas não se firma no terreno das possibilidades científicas e económicas, e talvez, ainda, no terreno da capacidade de resistência do capitalismo às reivindicações proletárias. É um problema de força e audácia que se solucionará numa batalha económica e social entre os exploradores de trabalho e os aspirantes a um regime social de produção livre.

Instintivamente, sabem os trabalhadores que a redução da jornada depende da sua própria vontade e não de qualquer poder estranho; sabem que as melhores condições de vida sempre tiveram e terão de ser conquistadas à força de insurreições e revoluções, e que os que esperam da generosidade dos governantes ou dos capitalistas uma migalha de liberdade e de bem estar se condenam a não obter coisa alguma.

Imaginemos a aplicação da jornada de seis horas à solução do problema de desemprego na Inglaterra.

Neste país, calcula-se em dois milhões o número de desempregados, sobre vinte e um milhões que se empregam na indústria.

Suponhamos que a jornada é de oito horas na actualidade. Os dezasseis milhões que trabalham representam um total de 152 milhões de horas de trabalho por dia. Se trabalhassem seis horas, o total seria de 114 milhões de horas por dia. Fica, pois, um excesso de 38 milhões de horas. Mas, como os dois milhões de desempregados não precisam de mais de 12 milhões de horas de trabalho por dia, fica ainda trabalho para mais dois milhões de operários, empregados e restante pessoal da indústria.

Assim, a jornada de seis horas mudaria automaticamente a situação do proletariado inglês, dando-lhe uma posição de independência e tornando a oferta em uma procura de braços no mercado de trabalho.

Não acreditamos que a crítica sistémica internacional da vida económica seja superada de modo diferente da redução da jornada. A base desta asserção está na incapacidade manifesta do capitalismo em encontrar uma saída que, ao menos, não agrave o mal. E concordemos que, depois da guerra, não têm sido poucas as receitas oferecidas.

Segundo a nossa maneira de ver, a resistência da burguesia à diminuição da jornada de trabalho não se baseia no pretexto de uma eventual diminuição da produção, argumento que já não pode sustentar-se actualmente. A burguesia supõe fundamentalmente que, obrigando os trabalhadores a

demorarem-se mais horas no seu labor de assalariado, fá-los há arregar-se do pensamento revolucionário, anulando-lhes toda a velocidade de rebelião.

A longa jornada de trabalho mata toda a rebeldia do espírito e consome as energias vitais, que poderiam aplicar-se a um trabalho de pensamento, num esforço automático, sem incentivo e sem vontade.

Compreendamos também que, se trabalhamos menos horas sob o jugo do salário, teremos mais tempo a dispor para a elevação da nossa cultura e das nossas necessidades. Compreendamos que é preciso aumentar o bem-estar e as aspirações das massas operárias para que elas se aproximem do ideal revolucionário. A miséria é escravidão, e se é certo que o salário será sempre salário, a verdade é que entre salário e salário pode existir uma considerável diferença.

Ponhamos na ordem do dia da nossa propaganda e da nossa acção a conquista das seis horas, tanto pelas seis horas em si, que representam uma reivindicação digna de conquista por todo o nosso esforço, como pelas consequências revolucionárias que advirão da diminuição da jornada.

Ao prepararmos a grandiosa luta que implica a conquista das seis horas, não só pensamos na ofensiva ao capitalismo e ao Estado, como igualmente, na ofensiva ao socialismo autoritário mil vezes traído do proletariado e mil vezes claudicante. Contra esse socialismo que se vangloria de ter feito legislar a jornada de oito horas, mas nunca teve qualquer inconveniente, como verificamos, tantas vezes, durante e após a guerra, na entrega dessa conquista à voracidade do capitalismo.

Todavia, não foram os parlamentos que concederam, as oito horas aos trabalhadores: foi o sangue dos nossos camaradas que sobramor morrer com valentia, em Chicago, por uma causa nobre e justa.

Sem homens da tempera moral dos enforcados em 1837, o proletariado ainda trabalharia 10, 12 e 14 horas, esperando um lei que, caindo do céu capitalista, lhe redusesse uma jornada esgotante. Mas, os homens dessa tempera moral não podem surgir de um partido político que educa os seus filiados na disciplina e na submissão, que castiga todos os espontâneos impulsos humanos, que forma dóceis eleitores em vez de consciências livres, que tudo sacrifica à vontade do poder político em vez de empregar todas as forças à destruição do poder, base de todos os males sociais.

Não precipitadamente, mas depois de demorado exame, no interesse da causa revolucionária, queremos reunir a nossa ofensiva ao capitalismo à ofensiva ao socialismo autoritário ou marxista, no momento em que se inicia a luta, já iminente, pelas seis horas de trabalho.

Tampouco procedemos impensadamente ao romper assim com um apoio eventual das frações do movimento operário, mais ou menos inspiradas de princípios autoritários. Queremos começar a luta com as nossas próprias forças, com os nossos recursos próprios. Os elementos são dos partidos pseudo-proletários abriam os olhos e reúnem os seus esforços aos nossos. Mas, ao fazê-lo, rompem simultaneamente a sua conexão com um sistema de ideias e táticas que os condena a ficar eternamente ligados ao carro do capital e aos ditames da autoridade, que os condena, uma palavra, a não chegar à posse da sua humanidade e à consciência dos seus direitos.

A luta pela conquista das seis horas será, pois, uma luta depuradora no movimento operário; uma ofensiva real contra o sistema capitalista e uma batalha em toda a linha contra os seus servidores mais abnegados, os sequazes do marxismo legalitário.

FIM

## A Escola Racional de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 12.—A Escola Racional de Gaia, nos últimos tempos, tem-se desenvolvido extraordinariamente. Esta instituição, que é uma das melhores organizadas em todo o país, mantém-se por um admirável espírito de solidariedade.

Esta escola foi fundada por um grupo de operários, com o objectivo de educar os filhos de trabalhadores.

A população de Gaia, vila bastante vinícola, é das que maior consumo faz de álcool, sucedendo ainda, e talvez por esse motivo, que o analfabetismo é geral, fazendo cair o povo em desafortada intolerância.

Religião e alcoolismo — eis os dois males endémicos de Gaia. E os exploradores abusam das circunstâncias para melhor escravizarem o trabalhador.

Predomina a taberna e a igreja, e ambas estendem as garras, atraindo as classes operárias para a miséria, mergulhando-as em trágica letargia.

Foi encardando esta situação que o Núcleo de Juventude Sindicalista e o Sindicato Único Vinícola, há um ano, lançaram as bases da Escola Racional de Gaia.

Até há pouco tempo, a Escola não conseguia desempenhar-se cabalmente da sua missão. Actualmente, porém, tem a orientação uma profunda característica racionalista.

Quarenta alunos de ambos os sexos frequentam a escola, sendo o ensino ministrado por uma educadora profundamente cónsua do seu papel.

No princípio do ano próximo, os dirigentes da Escola tencionam admitir igual número de alunos, desenvolvendo-se a Escola conforme os seus recursos, não querendo os referidos elementos furtar-se a sacrifícios.

Há, mesmo, a intenção de criar aulas de educação técnica para diversas profissões. No próximo dia 28 do corrente, passa o primeiro aniversário da Escola. Por essa ocasião, efectuar-se há uma festa que será dedicada às famílias dos alunos. Uma grande personalidade dissertará acerca da educação moral na família. No Cine-Parque realizar-se há um festival, com uma conferência da ilustre professora D. Vitória Pais, que, por muita gentileza, virá a esta localidade.

A Escola Racional vai cooperar na organização da Federação das Escolas e Biliotecas Sociais, e na realização de um congresso de escolas racionalistas. —C.

## Ecoss do desastre de Alhos Vedros

A firma Pinto & Gameiro no Tribunal dos Desastres no Trabalho

Amanhã, pelas 13 horas, terá lugar no Tribunal dos Desastres no Trabalho, rua da Boa-Vista, 9, 1.ª, uma nova tentativa de conciliação, entre os industriais Manuel Martins Pinto Júnior e Elias M. Gameiro, a companhia de seguros «Lex» e os operários corticeiros vítimas do desastre que ocorreu em Alhos Vedros em 9 de Setembro do corrente ano, José da Costa Custódio, Palmira de Jesus Delgado, António dos Santos Fátia, Manuel Calvário, Isidoro Castelo, Emília de Jesus, António Alves, Zulmira Augusta Paulo e Luís Servo.

## Uma grande reunião dos Trabalhadores do Pôrto de Lisboa

As Associações dos Empregados e do Pessoal do Pôrto de Lisboa realizam hoje uma grande assembleia magna para tratar de um assunto de grande importância. Para isso fizeram distribuir o seguinte manifesto:

«Afim de apreciar e tomar posição sobre os propósitos, ultimamente manifestados pelas entidades oficiais, de arrendar o Pôrto de Lisboa a uma empresa particular por 50 anos (!), resolveram, a Associação dos Empregados e Associação do Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa, convocar uma assembleia magna da classe (funcionários e assalariados) para a próxima terça-feira 14 do corrente, pelas 20 horas, no Teatro Gai Vicente, rua da Voz do Operário (à Graça).

Perante a gravidade desta questão, da boa ou má resolução da qual depende o bem estar dos nossos lares e a manutenção das poucas regalias que gozamos, todas as nossas velhas dissensões, todos os lamentáveis conflitos que nos dividiam, devem cessar.

Não mais lugar a estas detestáveis questões que, enfiando e dividindo a classe, só são proveitosas ao nosso inimigo comum.

A nossa situação, de funcionários ou assalariados, é desgraçada.

Haverá ainda alguém, bastante inconsciente, suficientemente sectário e tão lamentavelmente cego, que não julgue o momento oportuno para darmos fraternalmente as mãos, esquecendo atritos passados, na luta contra o inimigo comum, pelo nosso bem estar e de nossos filhos e companheiras?

Impossível! Uma tal atitude seria a condenação automática de quem a assumisse! Ninguém! Funcionário ou assalariado, associado ou não associado, chefe de repartição ou simples trabalhador, deve faltar a esta magna reunião.

Questão que interessa a todos os que trabalham no Pôrto de Lisboa, a todos deve mobilizar!

Quando os próprios animais irracionais se associam para conquistar o direito à vida e defendê-la com ardor, não se compreende que nós, animais superiores o não facemos.

Aquele, portanto, que comodamente se deixar ficar em casa bem cedo verificará que traiu, por cobardia ou comodismo, os seus mais vitais interesses e os dos seus irmãos de trabalho!

## Salve-se quem puder...

ROMA, 13.—O deputado italiano Turati refugiou-se na Corsega para livrar-se das perseguições dos fascistas. —(L.)

## O que sobre horário de trabalho no comércio e carroças de mão disse à "Batalha" um militante do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, que é o produto da reforma do estatuto da antiga Associação de Classe dos Empregados Menores no Comércio e Indústria, desde a mudança de título sofreu uma remodelação tão importante e foi impregnado de uma actividade tão extraordinária que a todos tem assombrado. E' porque estavam habituados ao tradicional comodismo desta classe, que a sua febril propaganda em prol das regalias que lhe são mais caras nos deixou perplexos. Há pelo menos dois assuntos a que o referido Sindicato tem dedicado um verdadeiro carinho e que são estes: a abolição do uso das carroças de mão e o cumprimento rigoroso do horário de trabalho.

Estes dois casos são de facto de uma actualidade tão flagrante que não resistimos a tentação de ouvir um dos militantes do Sindicato em questão.

E assim nesse propósito nos dirigimos ao palácio do Conde de Almada. Num gabinete mesmo em frente da sala onde reuniram os conspiradores de 1640 lá fomos encontrar alguns dos elementos que à classe têm dedicado o melhor do seu esforço. O ambiente que se respira é todo de entusiasmo pela luta em que estão empenhados. Raramente se encontra num organismo de classe, tanta animação e movimento como o que acabamos de assistir, o que demonstra quanto vale a persistência aliada a uma grande vontade de vencer.

Foi o camarada Edmundo Tavares que se prestou a fornecer-nos os elementos de informação que vão ler-se:

—A abolição do vergonhoso uso das carroças de mão, princípio o nosso entrevistado, é assunto que há alguns anos já que preocupa o organismo de que faço parte. Mercê de vários factos que para o caso não importam, e, ainda, pela pouca vida que a Associação tinha, este caso nunca pôde ser tratado com a amplitude que requeria. Após a remodelação que sofreu o seu estatuto e da entrada em seu seio de alguns valores — o nosso Sindicato passou a ter uma vida intensa, devido à nova ideia que lhe deu uma virilidade espantosa. Dois assuntos de urgente realização se impunham à moderna pleiade; a extinção dos carros puxados pela besta humana e o cumprimento das 8 horas de trabalho no comércio.

—Mas o caso das carroças de mão não está resolvido?

—Eu te explico: O presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal, sr. Vicente de Freitas, a quem entregámos uma representação sobre os inconvenientes do uso das carroças de mão, concordou plenamente com os nossos pontos de vista e prometeu-nos que este pouco dignificante meio de condução em breve seria abolido, contribuindo essa medida para dar à cidade um aspecto mais civilizado. E para demonstrar a boa vontade que o animava mandou chamar à sua presença um empregado que superintende neste assunto, dando-lhe ordens terminantes para que de futuro não fossem passadas mais licenças para esses veículos.

«Abandonámos o edifício da edilidade lisboeta, prossegue Edmundo Tavares, confiadíssimos em que num curto espaço de tempo

não mais veríamos esses tristes espectáculos de marcanos e aprendizes atrelados aos varais duma carroça transformados em bestas de carga. E a propósito deixa-me dizer-te que temos estranhado o mutismo da classe operária organizada sobre esta nossa campanha. Ela não interessa somente os empregados no comércio, pois que há muitas oficinas de metalurgia, marcenaria, etc., etc., que mantêm estes humilhantes carros. E ainda mesmo que esse facto se não desse bastava o intuito moral da campanha para ela ter merecido um pouco de atenção à organização operária. A pesar de nos encontrarmos nós em campo não desanimaremos, sem termos alcançado o objectivo que nos tem norteado: a abolição pura e simples das carroças de mão.

—Que significa a última portaria da Câmara Municipal regulando o peso das cargas?

—Isso são contos largos. No entanto vamos a vêr se te posso dar uma pálida ideia do que motivou essa resolução. A questão foi debatida numa das reuniões da comissão administrativa e a maioria dos seus componentes pronunciou-se contra a extinção das carroças de mão alegando que mantendo a mesma Câmara as carroças de lixo puxadas pelo seu pessoal e não tendo possibilidades de terminar com esta forma de condução de «detritos» imediatamente não fazia sentido que as abolissem para os particulares. Não pretendemos agora discutir esta opinião, mas simplesmente citar factos.

—E a promessa feita?

—Justo será dizer que o sr. Vicente de Freitas se manteve irredutível nos seus pontos de vista, cumprindo assim com a sua palavra para com este Sindicato. Frituamos este pormenor por estarmos habituados a que os homens que superintendem na governação pública falem constantemente aos compromissos que tomam.

—De maneira que...

—A Câmara aprovou então uma postura baixando de 600 quilos carga que então era permitida, para 100 quilos o máximo. Esta postura causou uns certos engulhos ao patronato, que imediatamente se pôs em campo reclamando para que a carga nas carroças fosse autorizada até 400 quilos. Como vêes são uns beneméritos os nossos patrões. Ainda desta vez a Câmara transigiu, permitindo que a carga fosse elevada a 200 quilos o máximo, não podendo todavia com este peso serem os ditos veículos puxados por menores nem tão pouco galgarem rampas, sendo só permitido andarem em caminhos planos. Como vêes não foi uma vitória completa, mas foi já um grande passo que se deu e maior teria sido se não estivessemos sózinhos em luta.

—E sobre o horário de trabalho o que há?

—Andamos actualmente numa fiscalização activa por toda a cidade. Em muitos sítios encontramos uma certa resistência não só da parte do patronato, mas, infelizmente é dizê-lo, também de alguns empregados. A pesar de estas contrariedades, o horário de trabalho é já cumprido em quasi toda a cidade. Muito tem contribuído para isso as constantes sessões que estamos realizando em todos os bairros da cidade.

a correlação que com a conduta destes clubes tem a veneranda e galhofeira Associação dos Empregados do Comércio e Indústria, da Figueira, vulgo Associação dos Caixeiros, aderente à respectiva Federação de Lisboa.

E' que a vida e labuta desta Associação resume-se também em bailes e jogo.

Claro que a Associação dos Caixeiros também entra na dança das claqueas, também fomenta o ódio e o partido.

Mas é curioso notar, que muitos membros da citada Associação, encolerizam-se quando um companheiro de trabalho não defende o «time», da mesma.

Não é bom sócio, não é operário consciente, e assim — dizem eles? — como se poderá reclamar aumento de salário?

Isto é pasmoso, isto afinal é o cúmulo da inconsciência, e define bem claramente quanto atrasado está o operariado da cidade do Mondego.

Por isso nós temos diante de nós, verdadeiramente ameaçadora, uma muralha de indiferença, mas não obstante não desanimaremos, visto que se torna urgente e necessário arrancar estes milhares de passivos escravos, a essa apatia em que vegetam.

Sim, porque além de ser absurda a concepção dos caixeiros, mantendo um team de futebol, é a par disso verdadeiramente irritante para a conquista de regalias materiais e morais.

Na Figueira não há descanso semanal, não obstante haver associações; na Figueira desconhece-se o que sejam as oito horas de trabalho.

E' finalmente uma terra em que os poucos operários que trabalham estão mancomunados com os patrões, defendendo-os se possível pôr.

—C.

## SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo «Os Bichinhos». — Procurou-se a direcção do Grupo Musical «Os bichinhos» para nos dizer que a sua agremiação ao contrário do que fora publicado no nosso numero de sexta-feira próxima passada, não é constituída por reaccionários, nem tem qualquer cor política. A saída de alguns sócios foi motivada pela discussão de um regulamento que ainda não está aprovado e que é idêntico a de todas as agremiações congêneres. Com esta explicação a Batalha dá por terminado o incidente nas suas colunas.

## INSTRUÇÃO

Escola Profissional de Enfermagem

Amanhã, realiza-se nesta escola a abertura das aulas, para o presente ano lectivo.

## Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Tendo este Comité na sua última reunião tomado a si, colectivamente, toda a responsabilidade na orientação de «A Batalha» e demais assuntos referentes à C. G. T., e dentro deste espírito nomeado o director interino do jornal, até à próxima reunião do Conselho Confederal, reúne hoje, pelas 21 horas, este Comité, para apreciação de assuntos urgentes e que se relacionam com essas resoluções.

Comissão de estudo da 'Batalha'

Reúne hoje, pelas 20 horas.

Conselho Jurídico

Reúne hoje, pelas 21 horas.

Câmara Sindical do Trabalho

Reúne amanhã, às 21 horas.

Comunicações

Federação dos Operários da Alimentação. — Reuniu-se a Comissão Executiva que, além do expediente a que deu o devido destino, tomou as seguintes resoluções:

Abster-se de votar qualquer assunto nas reuniões do Conselho Confederal no interregno de tempo que vai desta data à reunião do Conselho Federal que resolverá em definitivo, para o que deu instruções aos seus delegados neste sentido.

Desmentir uma notícia publicada há dias no Diário de Notícias que dizia constar-se que esta Federação ia retirar a sua adesão à C. G. T., porquanto nunca se pensou em tal assento.

Continuou os seus trabalhos na organização dos Estatutos do Sindicato dos Manipuladores de Pão da Figueira da Foz que em breve lhes devem ser enviados.

Marcar nova reunião para sexta-feira, 17 do corrente.

Mais uma vez lembrar aos organismos que ainda não nomearam delegados ao Conselho Federal para o fazerem no mais curto prazo de tempo, para assim se poder convocar o mesmo dentro em breve.

Convocações

REUNEM HOJE:

Compositores Tipográficos. — A assembleia geral, às 18 horas.

S. U. Metalúrgico. — Pelas 20 horas, a assembleia geral para discutir a alteração dos estatutos.

Federação da Construção Civil. — Para tratar de um assunto de grande importância, pelas 21 horas o Conselho Federal.

Dada a urgência e responsabilidade do assunto a tratar é de esperar que nenhum delegado falte.

S. U. Mobiliário. — A's 20,30 horas a assembleia geral com o ordem de trabalhos já anunciada, devendo comparecer todos os camaradas que receberam convite para a assembleia transacta.

Pessoal do Município. — Os corpos gerentes e militantes, a fim de apreciar a atitude que os delegados à C. S. T., devem tomar num assunto a discutir na próxima sessão.

Fragateiros de Lisboa. — A assembleia geral, pelas 19 horas.

S. C. Civil — Secção dos Serventes. — Pelas 20 e meia horas, assembleia geral.

Sindicatos da provincia

S. U. C. Civil da Guarda. — Realizou-se a assembleia geral, que elegeu os seguintes corpos gerentes: Direcção, secretário geral, Francisco Neto; adjunto, Manuel Abrantes; arquivista, António da Silva; tesoureiro, Mário Pinto Ferreira; adjunto, João Almeida; vogais, Carlos Pereira da Silva e Alfredo Neto. Assembleia geral, secretários, Américo Silva e José Neto.

A assembleia resolveu ainda que no próximo dia 1 de Janeiro se comemore com uma sessão solene o aniversário da fundação do sindicato.

Secção telegráfica

Federações

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Viseu. — Recebemos officio. Vamos informar-nos e depois officiar.

Comité M. de P. no Norte. — O vosso officio não diz sobre o expediente de Rio Meio. Porque?

Suplemento semanal

ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alons, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice): 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Calendários

A Farmácia Franco, Filhos, rua de Belem, 18, 20, tem a gentileza de nos enviar alguns calendários de parede para o ano de 1927. Os nossos agradecimentos.

## Desastres de automóvel

Derrapage perigosa

A madrugada passada, um automóvel, vindo de Loures, ao passar na estrada em direcção ao Lumiar, fez derrapage, voltando-se, do que resultou terem ficado feridos os seus passageiros, Alberto São Tiago, de 29 anos, natural de Lisboa, soldado, residente no Lumiar, 94, no rosto e Alfredo Pinheiro, de 46 anos, natural de Rio de Mouro, morador no Lumiar, 12, 1.ª, que ficou com a clavícula direita fracturada. Transportados ao hospital de S. José, foram pensados no Banco, seguindo depois para casa.

Atropelamento

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, deu entrada Nuno Braga Silva Pinto, de 4 anos, filho de Amílcar Pinto e de Alice Pinto, residente na rua António Enes, 16, 3.ª, que, na Avenida Marquês de Tomar, foi atropelado por um automóvel, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo.

Choque com um eléctrico

Da enfermaria de Sousa Martins sai hoje com alta, Moisés de Sousa, aquele chauffeur residente na rua Barão de Sabrosa, 23, 3.ª, d.ª, que, como noticiámos, foi, no dia 3, vítima de um choque do automóvel que guiava com um eléctrico, na Alameda das Linhas de Torres. Deve recolher aos calabouços do Governo Civil, visto achar-se no hospital sob prisão.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimol. Preço 1\$50.

## IMPRENSA

Nova Arcádia

Publicou-se o numero 2 da Nova Arcádia que se apresenta bem redigido e com excelente aspecto gráfico.